



COEDUCAÇÃO NO ESCUTISMO

**versão para
FORMADORES**

COEDUCAÇÃO



no

Escutismo



COEDUCAÇÃO no Escutismo

- é uma edição da Divisão Regional de Formação da Junta Regional de Coimbra do Corpo Nacional de Escutas
 - Título original «COEDUCACION»
 - M.S.C. - Movimiento Scout Católico - España, Ediciones San Pío X, Madrid
 - Tradução de Manuel de Oliveira Barreira
 - Processamento de Texto de Maria Teresa Rodrigues
 - Maquetização e arranjo gráfico de Victor Fernandes
 - Distribuição restrita a Cursos de Formação de Dirigentes da Região de Coimbra/CNE
-

ÍNDICE

1. Noções Prévias.....	1
1.1 - CONCEITO DE COEDUCAÇÃO.....	1
1.2 - RAZÕES HISTÓRICAS.....	3
1.3 - FACTORES BIOLÓGICOS, CULTURAIS, SOCIAIS.....	4
1.4 - COEDUCAÇÃO E ESCUTISMO.....	6
2. Objectivos e Condições para o Funcionamento de Unidades Coeducativas.....	9
2.1 - OBJECTIVO GLOBAL - DEFINIÇÃO.....	9
2.2 - OBJECTIVOS.....	9
2.3 - CONDIÇÕES GERAIS.....	10
2.4. CONDIÇÕES PARA OS AGRUPAMENTOS QUE INICIAM A COEDUCAÇÃO.....	11
3. O Processo Coeducativo nas Quatro Secções.....	13
3.1 - LOBITOS.....	13
1. ASPECTOS BIOLÓGICOS.....	13
2. ASPECTO PSICOLÓGICO.....	14
3. ASPECTO SOCIAL.....	15
4. ASPECTO ÉTICO-RELIGIOSO.....	16
5. COMO LEVAR A CABO OS OBJECTIVOS ANTERIORES ATRAVÉS DO LOBITISMO.....	17
3.2 - EXPLORADORES.....	17
1. ASPECTOS BIOLÓGICOS.....	17
2. ASPECTO PSICOLÓGICO.....	19
3. ASPECTO SOCIAL.....	20
4. ASPECTO ÉTICO-RELIGIOSO.....	21
5. COMO CONSEGUIR ESTES OBJECTIVOS PELO MÉTODO ESCUTISTA.....	22
3.3 - PIONEIROS.....	26
1. ASPECTOS BIOLÓGICOS.....	26
2. ASPECTO PSICOLÓGICO.....	27
3. ASPECTO SOCIAL.....	28
4. ASPECTO ÉTICO-RELIGIOSO.....	29
5. COMO ATINGIR ESTES OBJECTIVOS NA SECCÃO DOS PIONEIROS.....	30

3.4 - CAMINHEIROS.....	33
1. ASPECTOS BIOLÓGICOS.....	33
2. ASPECTO PSICOLÓGICO.....	33
3. ASPECTO SOCIAL.....	35
4. ASPECTO ÉTICO-RELIGIOSO.....	36
5. COMO CONCRETIZAR NO CAMINHEIRISMO OS OBJECTIVOS ANTERIORES.....	37
4. O Processo Coeducativo na Formação de Dirigentes....	39
4.1 - A EQUIPA DE ANIMAÇÃO DA UNIDADE E A COEDUCAÇÃO.....	39
4.2 - RELAÇÕES DA EQUIPA DE ANIMAÇÃO COM OS PAIS.....	41
4.3 - O PROCESSO COEDUCATIVO NA FORMAÇÃO DE DIRIGENTES.....	41
1. FORMAÇÃO BÁSICA PARA CHEFES DE UNIDADE.....	41
2. NÍVEL DE APROFUNDAMENTO.....	41
3. NÍVEL DE FORMAÇÃO PERMANENTE.....	41
4. FORMAÇÃO DE FORMADORES.....	42
5. Atelier sobre Coeducação.....	43
5.1 - NÍVEL BÁSICO.....	43
5.2 - NÍVEL DE APROFUNDAMENTO: A COEDUCAÇÃO NAS SECÇÕES.....	58
6. Bibliografia.....	69

APRESENTAÇÃO

Este documento é produto começado há já quatro anos na Assembleia do Movimento Scout Católico de 1982, em Salamanca, e que hoje aqui apresentamos como fruto de um lento mas laborioso e sério processo que, aliás, não pretendemos encerrar ainda; pelo contrário, queremos que este documento seja o ponto de partida para uma discussão mais ampla e mais profunda nas nossas Associações sobre o nosso planeamento educativo.

Este trabalho iniciou-se a partir dos interesses e necessidades detectadas nas diferentes realidades das Associações e Delegações Diocesanas e Interdiocesanas que compõem o MSC ¹.

Embora em muitas delas já se trabalhasse coeducativamente desde há alguns anos, noutras estava-se a começar. E, ainda que, em princípio e a nível intelectual, todos estivéssemos de acordo em assumir a coeducação como um dos aspectos da nossa opção educativa, as nossas atitudes e condutas contradiziam, muitas vezes, os nossos propósitos. De facto estamos conscientes de que, apesar do progresso e das mudanças sociais tendentes à igualdade de papéis homem-mulher, a sociedade continua a determinar uns papéis para o homem e outros para a mulher, com uma relação de superioridade de um sobre o outro sexo. Daí fomentarem-se ideias e atitudes de acordo com ser homem ou ser mulher e não de acordo com as preferências ou aptidões pessoais.

Nós mesmos, muitas vezes, não somos os melhores modelos de corresponsabilidade neste aspecto. A influência social, os condicionalismos familiares, os meios de comunicação, etc..., opõem-se às influências positivas.

Por isso verificamos que, embora não haja dificuldade de relação entre homem e mulher enquanto a proximidade, pode havê-las quanto à qualidade desta relação.

Esta realidade conduziu-nos a uma reflexão séria e a uma verificação das nossas experiências pedagógicas neste aspecto e a sistematizar as condições gerais para o funcionamento de unidades

(1) - O Movimento Scout Católico (MSC) não é um todo unitário como o C.N.E., mas um conjunto de Associações Diocesanas e Interdiocesanas, com bastante autonomia e que, a nível nacional, estão "federadas" no MSC. (Nota do Tradutor)

quatro Secções e no Departamento de Formação.

Ao longo do seu processo de elaboração foi este documento apresentado e trabalhado nos diferentes encontros e assembleias que o MSC organizou. Agradecemos de uma maneira especial a colaboração de todos quantos contribuíram com as ideias e experiências, assim como a valiosa contribuição das Associações Diocesanas e Interdiocesanas que participaram também com as suas experiências, sugestões e ideias.

O tema é vasto, não se pode esgotar, porque sempre está aberto a novas ideias e experiências. E, precisamente por isso, pensamos que, como movimento educativo que somos, devemos dar os passos necessários para que aquilo que assumimos a nível intelectual não seja contradito nas nossas atitudes e condutas para que se estabeleçam as bases necessárias para as novas e válidas relações homem-mulher.

São os nossos melhores desejos. Bom trabalho!

Carmen Diego
Vice-Presidente do MSC

1 | Noções Prévias

1.1 - CONCEITO DE COEDUCAÇÃO

A palavra coeducação provém dos termos latinos "*cum*" e "*educare*", isto é, educar conjuntamente.

Etimologicamente pode chamar-se coeducação a formas muito distintas de educação, sempre e quando se dê a circunstancia de que a educação se realiza conjuntamente com alguém. E neste sentido toda a educação seria coeducativa.

Não obstante, o vocábulo "coeducação" adquiriu substantividade na terminologia pedagógica referido ao facto educativo em que os sexos se educam em comum. Assim, pois, coeducação se definirá como a educação em comum de pessoas de ambos os sexos, como a educação em comum de rapazes e raparigas, seja na escola, seja fora dela.

Segundo Loduchowki, coeducação é a educação em comum de rapazes e raparigas na mesma escola e na mesma turma, às mesmas horas, com os mesmos métodos, os mesmos programas, os mesmos professores e sob a mesma direcção geral.

Estas definições costumam ser as mais usadas. Podem ser criticadas, mas isto ultrapassa o âmbito deste trabalho. Digamos unicamente que estas definições iludem o objectivo que pretende a coeducação e, portanto, nada indicam da intencionalidade da tarefa coeducativa.

Atevemo-nos a dar, juntamente com Chateau, a seguinte definição

de coeducação: *A educação em comum dos dois sexos, que tem por procedimento a relação cooperante nas funções de educação em grupo; por norma o respeito pela individualidade pessoal e sexual; e por finalidade a capacitação para desenvolver uma melhor função relacional, base em que se apoia o mundo familiar.*

Nesta definição existem três elementos fundamentais:

a) - Em primeiro lugar é referida a **exigência de cooperação entre os sexos** em tudo o que se refere a actividades de grupo.

b) - Em segundo refere-se a **necessidade de respeitar a individualidade pessoal e sexual**. No que se refere à individualidade sexual a educação deve apresentar-se de modo que seja possível o desenvolvimento do rapaz e da rapariga de maneira coerente com os seus gostos e peculiaridades sexuais. É importante ter em conta esta característica pois muitas vezes caíse, por deformação profissional, num único modelo de educação para ambos os sexos em detrimento não só do “sexo deformante” mas também do “sexo protegido”, pois perde riqueza educativa.

c) - Em terceiro lugar manifesta que **a finalidade da coeducação é melhorar, naquilo que é possível, o desenvolvimento da função relacional**.

A partir de tudo o que atrás fica dito podemos distinguir a coeducação de uma educação mista. Na primeira a vida em comum dos sexos é objecto de uma atenção pessoal e especial por parte dos educadores; na educação mista isto não acontece, a vida em comum dos sexos é parcial, segundo o caso a tratar, e não existe nenhuma atenção especial. Geralmente a educação mista dirige-se maioritariamente para um dos sexos.

A regra de ouro que é preciso guardar é: **A coeducação de nenhuma maneira exige a identidade de métodos, materiais e directrizes para ambos os sexos.**

A coeducação pode apresentar-se de várias formas:

1. **Coeducação total:** todo o tempo de coeducação se organiza em regime coeducativo.

2. **Coinstrução:** coinstrução e coeducação não são sinónimos. A primeira é uma forma parcial de coeducação que se realiza em actividades meramente de índole informativa.

3. **Coeducação parcial:** o regime coeducativo é reservado apenas a algumas actividades. O contacto entre jovens de ambos os sexos

é sintomático, pois é programado em função de um plano prévio mas periódico porque se limita essa relação entre os sexos apenas a determinados espaços de tempo. A relação educativa não abarca todo o tempo de permanência dos educandos nas actividades.

Podíamos também indicar dentro da coeducação, quer total, quer parcial, alguns graus de intensidade, mais ou menos marcada, mas que ultrapassa o âmbito deste trabalho.

O regime de coinstrução é aquele que mais se identifica com o da educação mista.

1.2 - RAZÕES HISTÓRICAS

As primeiras referências históricas sobre coeducação levam-nos até Esparta, na Grécia Antiga, onde se fizeram os primeiros ensaios de educação conjunta, até no desporto.

Experiências programadas e com continuidade fazem-se também nos Estados Unidos da América, por razões económica, sendo seus primeiros defensores Channing (1750-1842) e Horácio Mann (1796-1859), estendendo-se depressa a muitos outros países.

Na Europa foi a França o país que mais se preocupou com a educação feminina, mas erradamente. Molière satirizou a educação feminina, enquanto Fenelón defendia a educação apenas com um fim doméstico. O próprio Rousseau criou o “*Emílio*” e a “*Sofia*”, como modelos distintos.

O primeiro país que incluiu oficialmente a educação da mulher foi a Espanha, nas *Actas do Congresso Nacional de Pedagogia*, em 1888, embora não tivessem encontrado nenhuma ajuda nem apoio nos meios educativos.

Quando a sociedade começa a falar de igualdade de direitos entre todas as pessoas, teoricamente a mulher fica beneficiada e as correntes feministas dos fins do século passado começam a impor novos caminhos até conseguirem, como uma grande vitória, um bacharelato feminino.

A primeira escola coeducativa fundada na Europa foi a “*Palmgrenska Samskolan*” de Estocolmo; seguiram-se-lhe a Finlândia e a Noruega. Mais tarde a Alemanha, Países Baixos, Suíça e Dinamarca.

Na Espanha foi a *"Institución Libre de Enseñanza"* de Ginés de los Ríos quem criou uma educação natural que levou à coeducação, embora fosse reduzido o número de crianças que a frequentasse em regime de coeducação.

1.3 - FACTORES BIOLÓGICOS, CULTURAIS, SOCIAIS...

Todos se podem englobar na psicologia diferencial que forçosamente temos que conhecer se pretendemos respeitar na coeducação a individualidade dos sexos.

Em primeiro lugar vamos ver quais são as diferenças orgânicas e a sua incidência sobre a conduta.

Além das diferenças relativas aos caracteres sexuais ligados à função de reprodução, outros existem.

- Entre as **diferenças físicas** encontramos as seguintes: os braços e pernas são mais largos nos homens do que nas mulheres. Também o homem tem mais largura de ombros e força muscular do que a mulher. São particularmente dirigidas à conquista do meio físico. A mulher tem mais largura de pélvis e um menor equilíbrio homeostático que o homem.

- As **qualidades psíquicas** que marcaram a nossa cultura para cada sexo podem ser observadas a partir dos interesses e actividades que rapazes e raparigas manifestam através do jogo. Chateau diz-nos que as raparigas jogam mais disciplinadamente que os rapazes, com regras mais rígidas e com menor lugar para a iniciativa pessoal, assim como hierarquias menos claras e grupos mais abertos que os rapazes. Admitem com mais facilidade as raparigas mais novas - que podem até, sem dificuldade, vir a ocupar os papéis principais no jogo. Os seus jogos são mais tranquilos, por vezes até imóveis.

Os rapazes preferem materiais de construção, enquanto as raparigas preferem materiais mais expressivos, como a pintura e a plasticina. As raparigas mostram mais interesse pelos jogos dramáticos e pouco agressivos.

Terman indica que as raparigas são mais sociais mas com tendência introvertida para nos jogos; Agustín Gemelli refere que os jogos dos rapazes são mais pessoais e os das raparigas mais monótonos e com tendência de domínio sobre alguém. Com o crescer de idade as raparigas deixam de querer jogar sós.

Os **jogos** dos rapazes expressam em menor grau as relações humanas: brincam aos comboios, aos carros, com ferramentas, etc. Nas raparigas as relações sociais têm maior importância: manejam mobiliário de casa, recitam contos, brincam com bonecas, etc.

Se observarmos nos **desenhos** feitos pelas crianças, as diferenças ligadas aos sexos, Manchover defende a tese de que as raparigas, antes dos doze anos, desenham figuras humanas de melhor qualidade, de traço mais expressivo, que os rapazes. Esta diferença é devida à importância que a mulher dá ao seu corpo, já que a nossa cultura valoriza muito o corpo feminino, chegando a estabelecer-se um narcisismo secundário.

Allport, Venon e Lindrey assinalam que os homens ultrapassam as mulheres nos **valores** teóricos, económicos e políticos, enquanto que estas alcançam maior pontuação nos estéticos, sociais e religiosos.

Num resumo que Terman Miles apresenta sobre as diferenças de personalidade este autor refere que os homens manifestam maior **interesse** por ocupações de acção e aventuras, enquanto as mulheres se interessam mais por assuntos de índole estática e doméstica. A mulher é considerada mais emotiva que o homem. Também se considera a mulher de espírito mais subjectivo, enquanto o homem é de espírito mais objectivo.

Por outro lado, as raparigas costumam ser mais medrosas e apresentam hábitos nervosos, mas a partir dos onze anos os rapazes ultrapassam-nas na expressão de sintomas neuróticos.

Os rapazes apresentam mais problemas de conduta já que expressam os seus problemas e conflitos internos de forma mais agressiva que as raparigas. Estas no geral, mostram formas mais suaves de expressão e originam menos problemas de conduta.

- Consideremos agora as **diferenças de aptidões:**

As raparigas ultrapassam os rapazes na aptidão verbal, mas na compreensão verbal as diferenças são mínimas. Segundo o Dr. Yela, na população espanhola as diferenças durante o período da adolescência são significativas e favorecem a mulher.

Em termos médios, a mulher começa a falar mais cedo que o homem e durante a idade escolar tem um vocabulário mais extenso. As raparigas ultrapassam os rapazes em velocidade de leitura e em todos os aspectos em que entre como decisivo o factor verbal. Daí uma superioridade no plano da memória lógica.

Na inteligência espacial e numérica a diferença favorece os rapazes, mas em velocidade e destreza de cálculo as raparigas costumam vencer.

Uma vez expostos estes pontos há que fazer as seguintes perguntas:

- Que papel desempenha aqui o condicionamento biológico?
- Que papel se reserva ao condicionamento cultural?
- Em que medida a biologia e a cultura incidem para provocar tais diferenças?
- Outra, oposta à anterior, diz que os protótipos são criações culturais.
- Uma terceira afirma a origem das diferenças entre os sexos está na interacção do padrão biológico e do meio cultural. Este meio é de natureza social, daí a importância fundamental dos factores culturais para determinar os tipos masculinos e femininos.

É importante referir que, enquanto na sociedade contemporânea vão perdendo importância as condições físicas, a rapidez e outras no género, vão ganhando valor a inteligência e as aptidões psíquicas; daí que se dilua, em muitos aspectos, a diferenciação sexual.

Para determinar a psicologia diferencial dos sexos haveria que ter em consideração o carácter bi-sexual da espécie humana. No campo biológico o homem possui 2/3 de hormonas andrógenas e 1/3 de estrógenas. Na mulher inverte-se a proporção dos conteúdos. Algo similar se passa com os traços psicológicos.

Vimos já que não há uma barreira ou separação intransponível entre os sexos masculino e feminino, mas sim que existem casos de flutuação entre ambos os extremos. Reconhecendo as diferenças reais de cada sexo, temos de deixar bem claro que estas diferenças não conduzem irremediavelmente e automaticamente à desigualdade e discriminação de estatutos e funções. Uma coisa é a **diferença** e outra, muito distinta, é a **desigualdade**. Passar de uma para a outra é, simplesmente, racismo sexual. Não podemos atribuir à biologia argumentos ou juízos de valor, que não têm base científica, para fomentar as desigualdades.

Nem o homem nem a mulher são redutíveis à biologia. Outros factores intervêm na manifestação do comportamento humano, factores que, na maior parte dos casos, são preponderantes na génese dos comportamentos masculino e feminino. Os factores sócio-cultural, experiências e emoções, a educação em geral... são quem condiciona, na maior parte dos casos, este comportamento.

1.4 - COEDUCAÇÃO E ESCUTISMO

O Escutismo, como movimento educativo nos tempos livres, tem de oferecer alternativas válidas para os problemas do mundo juvenil e adulto.

A evolução social obriga-nos a descobrir novas formas de relação entre os sexos que nos levem a uma convivência harmónica e de maior entendimento e compreensão entre ambos.

Durante os últimos anos o termo COEDUCAÇÃO não tem sido usado com um sentido exacto e, frequentemente, até com pouca clareza e uma certa imprecisão.

A COEDUCAÇÃO é o instrumento específico, o meio com o qual se pode ajudar os rapazes e as raparigas a amadurecer juntos, utilizando o mesmo método coeducativo, no nosso caso o Escutismo.

O Escutismo, como método educativo integral, deve facilitar ao jovem a possibilidade de conhecer o outro sexo, a sua psicologia, o seu modo de ser, as necessidades particulares de cada um, assegurando deste modo uma melhor aceitação e compreensão entre ambos.

O Escutismo, se supõe uma teoria educativa, não se reduz a ela mesma; pelo contrário, baseia-se na acção, crê na acção, na experiência vivida pelos jovens como escola de vida.

Daí que, se por um lado o Escutismo reparte com outros movimentos aspirações comuns dos homens e das mulheres do nosso tempo, por outro lado procura imediatamente criar as bases onde o novo tipo de relações mais humanas possam ser vividas e, em certa maneira, postas à prova.

A coeducação baseia-se, antes de tudo, na **afirmação** e no **reconhecimento** de um e outro sexo, com tudo o que ele comporta.

Tanto o medo como o simplismo podem deformar todo este processo educativo. Tanto nos pode destruir o acreditarmos que tudo é mau e tudo nos é vedado, como viver proclamando que tudo nos é permitido.

O Escutismo pode e deve contribuir para estabelecer novas e válidas relações entre rapazes e raparigas. Que se ajudem e colaborem no seu trabalho complementando-se mutuamente. Mas trabalho que não escravize nem utilize a pessoa e que mude a visão que a

Libertar os homens e as mulheres dos condicionalismos sociais e educativos erróneos e despertar os talentos que cada um traz em si, significa fazer com que as pessoas sejam capazes de encontrar plenamente a sua própria identidade: trata-se de criar uma liberdade interior tão sólida que torne a pessoa capaz de aceitar serenamente certos condicionalismos externos, conservando sempre a sua própria identidade.

O ponto central é sempre a PESSOA, ele representa o valor moral fundamental.

A coeducação como instrumento educativo, requer ser utilizada com uma competência e sensibilidade especial, tendo em conta as exigências educativas e os diferentes períodos de crescimento biológico, psicológico e a força exercida pelo meio ambiente.

A coeducação no M.S.C. apresenta-se sob duas vertentes históricas distintas. Na primeira unem-se duas Associações, uma masculina e outra feminina, como acontece na Catalunha e em Maiorca, até formarem uma só entidade de carácter educativo. Na maioria das Associações, porém, vão surgindo as irmãs dos escuteiros que começam a entrar nas diversas Secções, até que a realidade dá lugar a Associações com rapazes e raparigas que se educam coeducativamente.

2 | Objectivos e Condições para o Funcionamento de Unidades Coeducativas

2.1 - OBJECTIVO GLOBAL - DEFINIÇÃO

Partimos de opções claras sobre a educação e entendemos a COEDUCAÇÃO como *“a educação de rapazes e raparigas com um projecto de crescimento comum: formarem-se pessoas com igualdade de direitos e deveres, respeitando as particularidades próprias de cada individualidade e cooperando para conseguir um estilo de vida, de confiança, respeito, compreensão e aceitação recíproca”*.

Tendo em conta todas estas circunstâncias, chegou o momento em que se torna necessário fixar objectivos comuns, tendo em conta as particularidades sociais e ambientais e orientações pedagógicas amplas para realizar a coeducação com êxito.

2.2 - OBJECTIVOS

1. Proporcionar aos rapazes e raparigas o máximo conhecimento cultural e técnico para poder escolher as suas actividades em função das suas preferências pessoais e não sob a influência da pressão social na descrição dos sexos.
2. Fomentar a responsabilidade conjunta, a todos os níveis, para o enriquecimento na relação dinâmica do trabalho em equipa, de tal modo que se consiga alcançar a igualdade de oportunidades entre as pessoas, sem relações de preferências baseadas no sexo.
3. Aceitação da própria realidade sexual e conhecimento da realidade do outro sexo.
4. Chegar a uma ética sexual que fomente um amadurecimento pessoal e livre de alienações e tabus que existem sobre a sexualidade.

Estamos conscientes de que, com o definir dos objectivos, apenas demos os primeiros passos; falta ainda definir as bases operativas para os podermos aplicar com um mínimo de eficácia. Estas bases e algumas determinadas condições tem de ter-se presentes em todos os Agrupamentos com Unidades coeducativas.

2.3 - CONDIÇÕES GERAIS

1. O Movimento Scout Católico (M.S.C.)¹ - como movimento educativo - valorizará a coeducação como mais um componente do seu programa de formação e não como um componente isolado.

Portanto, todos os responsáveis deverão assumir a coeducação, tanto a nível **pessoal** (maturidade psicológica e equilíbrio afecto-sexual; superação da problemática afectiva da secção em que trabalham), como a nível **teórico** (leitura e reflexão do tema; conhecimento do processo afectivo-sexual das diferentes idades), como a nível prático (criação de Unidades coeducativas).

2. A equipa da Delegação - Demarcação, Subdemarcação, distrito e zona² - através do seu Departamento de Formação e detendo um programa educativo e através das Equipas de Animação das Secções, dará as linhas metodológicas da coeducação, segundo as suas necessidades e seguindo as orientações dadas pelo Departamento de Formação do M.S.C..

(1) - O que se diz do M.S.C. poder-se-á dizer do C.N.E. (N.T.)

(2) - Região ou Núcleo, para o C.N.E.. No C.N.E. é a Divisão Pedagógica que dá as linhas de orientação para metodologia da Coeducação. (N.T.)

4. As Unidades coeducativas devem contar com número equilibrado de rapazes e raparigas.

5. Ao criar-se um novo Agrupamento - e dentro da necessária e lógica informação que deve dar-se aos pais sobre o que é o Movimento Escutista Católico - informar-se-ão os mesmos sobre o **processo coeducativo** de um Agrupamento. Nos Agrupamentos onde já existem Unidades mistas, a coeducação deve “levar-se” aos pais: educá-los na coeducação para que coeduquem os seus filhos.

6. É conveniente que as Equipas de Animação das Secções sejam mistas e compostas por um número mínimo de três pessoas, maiores de 20 anos.

7. O Conselho de Agrupamento deve rever periodicamente o programa coeducativo nas Secções para garantir a consecução dos objectivos educativos propostos pela Associação.

2.4 - CONDIÇÕES PARA OS AGRUPAMENTOS QUE INICIAM A COEDUCAÇÃO

Ao iniciar-se um Agrupamento na Coeducação deve fazer-se um planeamento sério e a previsão dos problemas que poderão surgir, para que a experiência não redonde em fracasso.

Deverão ter-se em atenção os seguintes pontos:

1. Planeamento sério da coeducação e definição dos valores que se pretendem educar.

2. A decisão de se fazer coeducação tem de ser tomada por toda a Equipa.

3. Compromisso de continuidade, não inferior a dois anos, por parte dos responsáveis, para se poder avaliar a experiência.

4. Preparação pedagógica e maturidade pessoal, afectiva-sexual dos Dirigentes.

5. Que exista um número equilibrado de rapazes e raparigas.

6. Programar a preparação dos Dirigentes.

7. Seguir o programa traçado pela Equipa pedagógica da Associação

ou Equipa que esteja encarregada do estudo da coeducação.

8. Explicar aos pais, detalhadamente, a proposta coeducativa do Agrupamento.

Além disso, a Equipa de Dirigentes deve ter assumido a coeducação como um aspecto mais de opção educativa e deverá ser coerente com os seus objectivos educativos, quer dizer, não deve haver contradição entre os modelos de conduta dos responsáveis e as suas opiniões verbais.

3 | O Processo Coeducativo nas Quatro Secções

3.1 - LOBITOS

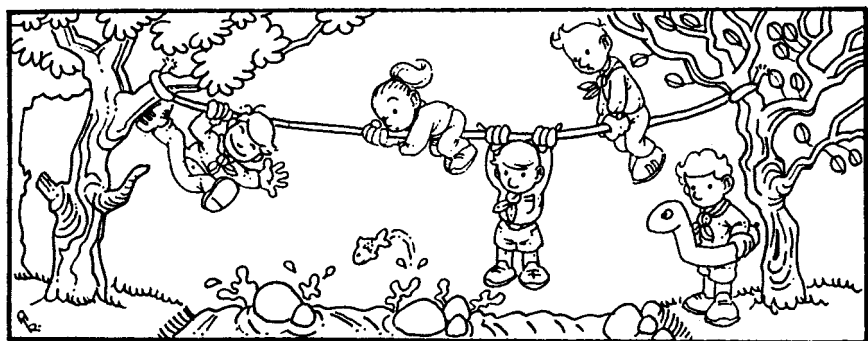
1. ASPECTOS BIOLÓGICOS

a) *CARACTERÍSTICAS COMUNS*

- Etapa de equilíbrio físico.
- Grande energia física.
- Época de tranquilidade sexual (latência sexual).
- Interesse pelo seu corpo.
- Involução da glândula pial.

b) *CARACTERÍSTICAS DIFERENCIAIS*

No segundo período desta etapa (10-11 anos) começa a notar-se uma maior maturação nas raparigas.



c) *OBJECTIVOS*

- Ajudar os Lobitos/as a descobrirem-se mutuamente, a trabalhar juntos em clima de respeito, de escuta do outro.
- Ajudá-los no processo da sua própria identificação sexual.
- Proporcionar aos rapazes/raparigas uma formação sexual clara, adaptada à sua idade, orientada para uma visão natural da sexualidade, da sua estrutura, seus dinamismos e suas finalidades.
- Conhecer o seu próprio corpo.

d) *ASPECTOS EDUCATIVOS*

- Que cada rapaz/rapariga, no seu crescimento, aceite a dinâmica do próprio sexo e vá descobrindo e compreendendo as razões e formas de ser e o processo evolutivo do outro sexo.
- Repartir os trabalhos, as responsabilidades, não em função do sexo, mas sim em função das habilidades pessoais.

2. ASPECTO PSICOLÓGICO

a) *CARACTERÍSTICAS COMUNS*

- Passa da lógica concreta à lógica abstracta.
- Aprende a utilizar os conceitos gerais, como justiça, liberdade, bem, etc.
- É capaz de discutir e apresentar razões em defesa de uma ideia.
- Grande desejo de conhecer e aprender.
- Facilidade de memória.
- Vai conseguindo, a pouco e pouco, o domínio da vontade sobre atenção.
- Há uma paragem no desenvolvimento do poder imaginativo e a imaginação é dominada pela preocupação que tanto o rapaz como a rapariga, têm, para tudo comprovar.
- Uma imagem mais crítica de si mesmo.
- É já capaz de uma autonomia e autodeterminação que antes não conseguia mostrar; porém continua sugestionada e, ainda que se distancie dos pais, não deixa de, a todo o momento, recorrer a eles.
- Grande controle das suas manifestações emocionais.

b) *CARACTERÍSTICAS DIFERENCIAIS*

- Os rapazes mantêm maior tendência para as actividades que ponham em jogo:
 - . aptidões espaciais e corporais.
 - . raciocínios matemáticos e lógicos.
 - . uma definição dos problemas em termos abstractos.
- as raparigas mostram preferências por:
 - . factores estáticos.

- . factores verbais.
- . habilidades manuais.

c) *OBJECTIVOS*

- Adquirir hábitos de conduta, colaborando rapazes e raparigas em todas as circunstâncias e tarefas, destruindo a imagem social de tarefas exclusivamente femininas (por exemplo, construir uma trotinete).
- Conseguir um ambiente lúdico, de imaginação, onde rapazes e raparigas se expressem, nos jogos e actividades, com novas formas, não copiando os papéis sociais que lhe procuram impingir através da Televisão e de outros meios de difusão social.

d) *ASPECTOS EDUCATIVOS*

- Educar em atitudes de respeito, altruísmo, companheirismo, cooperação, abertura...
- Sendo um período de afirmação do próprio sexo e, portanto, de antagonismo entre ambos, deve procurar-se um meio de abordar as relações rapaz/rapariga revalorizando positivamente esta relação, reflectindo em torno do “masculino” e “feminino”.

3. ASPECTO SOCIAL

a) *CARACTERÍSTICAS COMUNS*

- Necessita afirmar-se.
- Ama a competência.
- Aceita as regras de jogo.
- É extrovertido: muito sociável. Aparecimento do grupo de jogo (**bando** de amigos).
- Grupos de jogo homogéneo em idade e em sexo.
- Forte antagonismo entre grupos masculinos e femininos.
- É um grupo espontâneo, formado de acordo com as afinidades e características pessoais dos componentes.
- É um grupo permanente.
- Não se trata de um grupo democrático nem igualitário. Existe sempre um líder.
- Costuma ter segredos próprios, códigos de comunicação.
- Os pais deixam de ser considerados como sábios, e onnipotentes e diminui o respeito para com eles, embora permaneça o carinho.

b) *CARACTERÍSTICAS DIFERENCIAIS*

- Nos rapazes o aumento da capacidade física tende a fazê-los empreendedores, sem medo do risco, frente às raparigas eles mostram-se mais brilhantes, mais visíveis.
- As raparigas ocupam um lugar menos destacado; reagem frente ao rapaz com uma timidez admirativa que por vezes ocasiona a

simpatia e outras vezes a imitação que as costuma levar a adoptar atitudes masculinas quando se querem salientar dentro do grupo.

- As raparigas apresentam nesta idade, uma maior maturidade intelectual e afectiva, o que as leva a procurar quase exclusivamente companhia feminina da mesma idade em vez de se juntarem ao grupo masculino a quem acham agressivos e aldrabões.

- Quando se formam grupos mistos para concretizar alguma tarefa específica é frequente verificar que os rapazes assumem tarefas de organização e direcção, desprezando as raparigas, a menos que a participação destas seja maioritária.

c) *OBJECTIVOS*

- Favorecer a relação rapaz/rapariga, não forçando situações, mas procurando momentos, pontos de encontro, que possam favorecer e revalorizar positivamente esta situação.

- Desenvolvimento de atitudes: companheirismo, amizade...

d) *ASPECTOS EDUCATIVOS*

- Oferecer tarefas e jogos em comum e em que não fiquem os papéis tradicionais distintos dos sexos.

- Repartir responsabilidades em função da pessoa, não do sexo, e tendo muito em conta as características desta idade para não se deixar cair no seu "jogo".

4. ASPECTO ÉTICO-RELIGIOSO

a) *CARACTERÍSTICAS COMUNS*

- Agudiza-se a sensibilidade moral e os sentimentos de responsabilidade, lealdade, veracidade, honradez, começam a aparecer e a ter influência no seu comportamento.

- Obediência consentida (aceita o que se lhe ordena).

- Consciência do pecado.

- Interesse pelas regras de jogo.

- Idade da Lei.

- No último período desta idade diminui a piedade (não quer rezar, dá-se um certo "escapismo" religioso).

- Prefere obras a orações: apostolado.

b) *CARACTERÍSTICAS DIFERENCIAIS*

- Não se verificam diferenças notáveis.

c) *OBJECTIVOS*

- Desenvolver no jovem a capacidade de doação aos outros.

- Descobrir, nas suas relações dentro do jogo, que existem outros que têm os mesmos direitos e deveres, que há que ter em conta e com os quais se pode viver em clima alegre.

d) *ASPECTOS EDUCATIVOS*

- Educar em determinados valores: respeito, socialização, amizade... (Lei e Máximas do Lobito)

5. COMO LEVAR A CABO OS OBJECTIVOS ANTERIORES ATRAVÉS DO LOBITISMO

Uma pergunta que nos surge de imediato: é se o “Livro da Selva” ou outros métodos desta Secção possuem os modelos de identificação, tanto masculina como feminina de que tanto o rapaz como a rapariga necessitam para desenvolver as suas potencialidades.

Todo o projecto educativo deve recolher estes dois aspectos se quiser permitir o desenvolvimento harmónico da personalidade.

Na idade do Lobito, o rapaz e a rapariga passam do jogo simbólico ao jogo social, tomam consciência do seu lugar no mundo e da existência dos outros. Procuram modelos de identificação para desenvolver as suas potencialidades na sua própria originalidade. Portanto:

- Será conveniente adaptar o simbolismo da Secção aos valores pessoais a desenvolver (os personagens, os heróis de um conto ou lenda não podem ser só masculinos).
- Procurar que os Dirigentes tenham um comportamento social adequado aos princípios coeducativos e que os pratiquem nas suas actividades e condutas.
- Sugerir, nas Unidades, actividades atractivas para rapazes e raparigas de modo que não pensem em copiar modelos sociais estereotipados
- Utilizar o método próprio da Secção tendo sempre presente os aspectos coeducativos. Procurar que os Bandos estejam equilibrados quanto ao número de rapazes e raparigas.
- Ter ideia clara sobre a educação sexual para esta idade e saber como realizá-lo e em que momentos.

3.2 - EXPLORADORES

1. ASPECTOS BIOLÓGICOS

a) *CARACTERÍSTICAS COMUNS*

- Perde-se a estabilidade infantil para entrar na puberdade. O corpo cresce e modifica-se ao começar o funcionamento das

hormonas sexuais que provocam o crescimento acelerado e modificações morfológicas.

- Perde-se a resistência a um esforço continuado, alterando períodos de actividade ou outras de descanso. Este fenómeno produz-se como consequência do reajuste do organismo para se adaptar á nova situação.

- Acelera-se a maturação cerebral permitindo chegar a formas mais complexas de raciocínio e de planificação.



b) CARACTERÍSTICAS DIFERENCIAIS

Raparigas:

- A puberdade inicia-se nos casos mais precoces, entre os 11 e os 12 ou, normalmente, entre os 12 e os 13 anos. Em todo o caso, sempre cerca de um ano antes os rapazes. O corpo começa o desenvolvimento próprio da figura feminina; crescimento dos seios e ancas mais arredondadas. Em alguns casos dá-se um período de adiposidade que dá a aparência de "menina gorducha", mas desaparece normalmente depois desta crise. Um crescimento rápido e a alteração hormonal sexual dão-se paralelamente e no espaço mais ou menos largo de um ano, em que aparecem as primeiras regras. Logo continua o crescimento, mas agora mais harmoniosa e lenta.

Rapazes:

- Dá-se um processo de crescimento acelerado de todo o corpo até aos 12 ou 13 anos, mais tarde o processo hormonal sexual introduz as alterações próprias da puberdade crescimento dos órgãos sexuais aparecimento das primeiras ejaculações nocturnas. Este período de mudança é mais lento e de maior duração que nas raparigas.

c) OBJECTIVOS

- Compreender o porquê das mudanças corporais e das diferenças entre rapazes e raparigas.

d) ASPECTOS EDUCATIVOS

- Que cada rapaz e cada rapariga se esforce em controlar as

suas possibilidades físicas, adaptando-se à sua nova realidade e respeitando as diferenças dos outros no aspecto do desenvolvimento e do sexo.

2. ASPECTO PSICOLÓGICO

a) *CARACTERÍSTICAS COMUNS*

- Inicia-se a possibilidade de raciocinar de forma abstracto, capaz de idealizar um futuro próximo.
- Interesse por nova aprendizagem e por conhecer novas realidades.
- Interesse por se conhecer a si mesmo: procura do próprio eu.
- Instabilidade emocional, bem como consequência das mudanças físicas lógicas.

b) *CARACTERÍSTICAS DIFERENCIAIS*

Raparigas:

- Realizando-se o seu desenvolvimento primeiro e mais rapidamente que nos rapazes, em igualdade as raparigas são mais maduras e algo mais estáveis que os rapazes.
- Interesse pelos rapazes maiores que elas.

Rapazes:

- Como consequência da falta de segurança que provocam as mudanças fisiológicas, sentem necessidade de se protegerem em grupos do próprio sexo.

c) *OBJECTIVOS*

- Aprendizagem das técnicas complexas que são requeridas para se realizar uma planificação.
- Aceitação da própria realidade sexual e respeito pela dos outros.
- Valorizar a sexualidade como uma nova possibilidade de expressão profunda do amor na idade adulta.

d) *ASPECTOS EDUCATIVOS*

- Que cada rapaz e cada rapariga realize as suas aprendizagens técnicas pensando mais nos seus interesses e tendências pessoais do que isso estará ou não de acordo com as normas sociais discriminativas dos sexos.
- Que cada rapaz e cada rapariga respeite e compreenda todos os seus companheiros, sejam do seu sexo, sejam do outro, e mesmo que para algumas actividades prefiram reunir-se com estas ou aquelas pessoas de acordo com as suas necessidades afectivas.
- Poder falar de temas de sexualidade com naturalidade e seriedade, respeitando a sua própria intimidade e a dos outros, tanto no aspecto físico como no aspecto afectivo.

3. ASPECTO SOCIAL

a) *CARACTERÍSTICAS COMUNS*

- Necessidade do grupo ou bando. No início com pessoas do mesmo sexo; pouco a pouco procuram-se grupos com composição heterossexual.
- Aceitação das normas do grupo e desejo de as adoptar às suas necessidades.
- Início do distanciamento afectivo da família; esta já não é capaz de satisfazer as suas necessidades afectivas.

b) *CARACTERÍSTICAS DIFERENCIAIS*

Raparigas:

- Interesse por actividades relacionadas com a cultura e as artes, folclore, teatro, cinema, jornalismo, charlas...
- É difícil dizer o que corresponde a motivações temperamentais ou o que é ainda influência social quando se consideram impróprias para raparigas as actividades que requerem mais esforço físico. É, no entanto, de ter em conta que esta mentalidade está a mudar e que já hoje se valoriza alguns tipos de desportos como próprios para raparigas e há muitas que o praticam³.
- Interesse por tudo o que disser respeito à sexualidade, vivido com certo temor em alguns casos.

Rapazes:

- Marcado interesse por actividades aventureiras e/ou desportivas, de muito movimento e emoção.
- Interessam-lhe menos as actividades culturais e sociais e torna-se-lhe difícil conservar a motivação porque geralmente estas actividades são mais complexas. Devido aos períodos alternados de euforia e passividade próprias desta idade cansam-se depressa dum esforço continuado e preferem uma acção curta e forte.
- Interesse também por tudo o que se relacionar com a sexualidade, mas vivido com uma certa agressividade.

c) *OBJECTIVOS*

- Vida de companheirismo nas Patrulhas, sem discriminação pessoal, aceitando as diferenças evolutivas e sexuais.
- Aprendizagem de responsabilidade no grupo e respeito pelas normas existentes no mesmo.
- Educação do aspecto crítico.

d) *ASPECTOS EDUCATIVOS*

- Conscencializar os rapazes e as raparigas de que nesta etapa devem aprender a realizar muitas técnicas e actividades em grupo sem distinção de sexo. Desta maneira terão muito mais possibilidades de descobrirem aquilo de que gostam ou de que

(3) - A realidade portuguesa é um pouco diferente. Apesar de Portugal ter sido, nas últimas décadas, de mentalidade muito conservadora, a Revolução de 1974 e a legislação posterior acabaram radicalmente com todos os tabus. Hoje a rapariga portuguesa, salvo embora algum machista renitente, considera-se absolutamente igual ao rapaz em direitos e oportunidades. E na escolha de desporto o único critério são os gostos ou o dinamismo pessoais (N.T.).

não gostam. Também assim poderão comprovar na prática que tanto a rapariga é capaz de fazer tudo o que faz o rapaz, como o rapaz é capaz de fazer o que faz a rapariga.

- Procurar que se valorizem os colegas mais pelas suas maneiras de trabalhar, pelos seus gostos e preferências do que pelo seu sexo.

- Contribuir para que na Secção (Unidade, Patrulha) se acostumem a usar a Pedagogia do Projecto (escolher, preparar, realizar e avaliar) para qualquer actividade, expedição, celebração, etc. que se realize. Por este meio se favorece uma organização mental que desenvolva de forma adequada as novas possibilidades de raciocínio.

- Raciocinar as críticas aos adultos, como meio para se conseguir auto-crítica das próprias acções no grupo familiar e no grupo de amigos.

4. ASPECTO ÉTICO-RELIGIOSO

a) CARACTERÍSTICAS COMUNS

- A incipiente personalidade manifesta-se como uma necessidade de pensar por sua conta sobre as normas impostas para as questionar dum ponto de vista mais radical.

- Crítica dos valores sociais e religiosos.

- Crítica sobre a forma de viver estes valores pelos adultos do seu meio social.

- Renúncia da sua forma de vivência religiosa infantil.

b) CARACTERÍSTICAS DIFERENCIAIS

- O aspecto ético-religioso depende muito da formação e educação familiar que geralmente impele mais as raparigas que os rapazes para a frequência da Igreja.

- Além disso, quanto a sentimentos pessoais, dão-se os mesmos processos de questionamento das normas e valores e de crítica de actuação dos adultos.

c) OBJECTIVOS

Passar da fé infantil que vê Deus como imagem paterna que protege, a uma fé mais evoluída.

d) ASPECTOS EDUCATIVOS

Ver Jesus Cristo como portador de uma nova vida e uma nova ordem moral que deve ser analisado e comentado para poder ser interiorizado.

5. COMO CONSEGUIR ATINGIR ESTES OBJECTIVOS COM O MÉTODO ESCUTISTA

A evolução na etapa da puberdade supõe a identificação sexual. Esta característica representa uma dificuldade no âmbito educativo.

O caminho de identificação sexual é, primeiro, a identificação com o próprio sexo para descobrir, depois, as pessoas do outro sexo, como uma realidade distinta que nos atrai e complementa.

A repulsa que normalmente se dá entre os sexos, é frequentemente aprovada por uma educação social baseada em papéis muito diferenciados entre homem e mulher.

A Equipa de Animação desta Secção têm que ter muita atenção com este processo. Contrariamente tende-se a separar, em excesso, rapazes e raparigas. O trabalho com a Secção é mais fácil, sim, mas podem criar-se rivalidades entre rapazes e raparigas, rivalidades que vão dificultar o processo de identificação e adiam o problema até à Secção seguinte, onde aliás deveria estar já em vias de solução.

A identificação pessoal vai-se realizando com base na diferenciação racionalizada pelos jovens.

A sexualidade é um aspecto da educação entre muitos outros aspectos. *“Eu sou igual a... e diferente de...”*.

Se sempre nos comparamos com os nossos iguais não chegaremos a diferenciar-nos a nós mesmos.

É por esta razão que a tendência do nosso Escutismo é ajudar o processo de identificação sexual como um aspecto mais dentro do desenvolvimento da personalidade.

Sempre que seja possível e, desde logo, sempre que o processo coeducativo já se tenha realizado na secção anterior, o núcleo de vida dentro da Secção será a Patrulha mista.

A Patrulha deve ser composta por rapazes e raparigas das três idades: 13, 12 e 11 anos. Mesmo que nos pareça que as raparigas são muito maiores aos 13 anos, se não tiverem ainda realizado uma tarefa de responsabilidade dentro da Patrulha é melhor não as passar à Secção seguinte. Se não, não chegam nunca a exercer uma responsabilidade, queimando etapas do seu crescimento sem se aproveitar delas.

É indiferente que o Guia da Patrulha seja um rapaz ou uma rapariga, mas se temos 4 ou 5 Patrulhas é preciso procurar que no Conselho

de Guias haja rapazes e raparigas. De igual modo com os responsáveis pelos ateliers que se formam para realizar uma Aventura.

Numa Patrulha há responsabilidades distintas e repartir pelos rapazes e raparigas mais velhos que prevemos irão passar a Pioneiros no próximo ano. Sem ter em conta estes aspectos organizativos é muito difícil dizer que os rapazes e raparigas podem ter as mesmas responsabilidades e oportunidades. É preciso vivê-lo e demonstrar que pode ser assim.

Se a Patrulha tem uma vida própria dentro da Secção (uma saída matinal ou um dia, onde devem cozinhar a refeição, descobrir ou explorar um território para preparar uma actividade conjunta, etc., etc.) nesta autonomia é mais fácil manter a motivação e animação necessária para que se esqueçam questiúnculas próprias da idade. Evita-se a repulsa entre os sexos porque se consideram como pessoas amigas que podem colaborar numa tarefa comum de que sairá beneficiada a Patrulha.

- **O Conselho de Guias.** Integrado por rapazes e raparigas que já fizeram a sua Promessa e que têm um cargo de responsabilidade na direcção de Patrulha.

Já se referiu a importância, no que refere à coeducação, que o Conselho de Guias seja composto por rapazes e raparigas.

É nas reuniões do Conselho de Guias que os mais velhos encontram oportunidades de ajudar as Patrulhas, concentrando as realizações ou os problemas, planificando e recebendo orientações dos responsáveis da Secção.

É exercendo este delicado papel que se aprende a ser responsável.

- **O Conselho de Grupo.** Tem a função de estabelecer normas, decidir as aventuras, examinar o andamento da Secção.

Nela se explicita o compromisso individual por meio da “Carta da Aventura”, outro sistema estabelecido para concretizar os compromissos em cada actividade típica da Secção.

É de todos sabido que diante de mais de 20 pessoas só falam os mais afoitos ou os que têm algo importante a comunicar. Os responsáveis da Secção procurarão, com tacto, dar o “empurrão” aos ou às que sempre se calam ou não se atrevem a falar.

Podem perguntar, por exemplo, a sua opinião, quais são as suas preferências dar-lhes a palavra quando os outros lha “cortam” ou

não respeitem a sua vez.

Nestas coisas tem que ter-se em conta mais do que a questão do sexo, a personalidade de cada um. Muitas vezes são os mais pequenos que ficam calados ao não encontrarem a sua oportunidade.

Se as propostas de Aventura saem das Patrulhas é mais fácil que elas sejam ao gosto de todos, rapazes e raparigas, uma vez que as elaboram conjuntamente.

Se as propostas não saem da Patrulha, deve procurar-se que integrem actividades que interessem aos diversos elementos, aos mais activos e aos mais “intelectuais”.

- **A Aventura** - A idade da puberdade, entre os 11 e os 13 anos, é a idade da “fantasia-que-pode-ser-realizada”. A Aventura em plena natureza ou o grande jogo de descoberta do ambiente circundante. As técnicas de campo, cozinha e dietética, orientação, socorrismo, ecologia entusiasma normalmente a rapazes e raparigas. Se se consegue motivar com uma Aventura interessante, não terão ocasião nem para se zangarem nem de lutar uns com os outros pois os seus esforços estarão concentrados na realização daquilo que lhes interessa.

Estas técnicas bases devem ser aprendidas para serem postas ao serviço da Patrulha, como parte das especialidades a exercer dentro da mesma Patrulha.

Também as especialidades de jornalismo, fotografia, investigação, botânica, animação de veladas e fogo de conselho e outras técnicas mais manuais convém que sejam repartidas entre rapazes e raparigas. Devem ter-se em conta as preferências pessoais, porém não deixar que se caia na distribuição de papéis pré-determinados pelos sexos.

Os Chefes de Unidade e os Guias de Patrulha devem fomentar a variedade de aprendizagem. Nesta idade assentam as bases das aprendizagens técnicas que irão permitir a realização de empreendimentos mais importantes na próxima etapa do desenvolvimento escutista.

Se na Secção dos Exploradores se consegue que os rapazes e as raparigas aprendam, ao longo de 3 anos, uma série de aprendizagens úteis para a vida em pequenos grupos e uma série de técnicas, sem discriminar se são “homem” ou “mulher”, criaram-se umas boas bases para a vida da Unidade e também para o futuro dos rapazes e raparigas.

- **O Progresso Pessoal** conseguir-se-à mediante estas actividades da vida de Patrulha e nas Aventuras que se realizarem.

Precisamente ao ter como finalidade muito clara o Progresso, já nesta Secção se pode verificar como vai o progresso pessoal de cada rapaz e rapariga:

- Conseguiu a especialidade a que se havia proposto?
- É responsável pelo seu papel na Patrulha?

Não se trata de pôr medalhas, mas constatar que se aprendem coisas, que se realizam as actividades e com êxito, à custa do esforço pessoal de cada elemento do grupo.

Se os Chefes de Unidade têm claros os objectivos da coeducação e estão atentos ao progresso de cada rapaz e de cada rapariga, podem ajudar muito procurando que cada um se dê conta do que já conseguiu e do que poderá ainda realizar enquanto estiver na Unidade.

O progresso é pessoal, não estandardizado; cada escuteiro tem as suas metas distintas: dependerá das suas necessidades como pessoa.

- **A Promessa** é um dos poucos momentos em que cada rapaz e cada rapariga agem por sua plena vontade, já que é cada um individualmente que se pode comprometer com o Grupo. É a Patrulha e são os Chefes de Unidade que o ajudarão a ver o progresso realizado por si, de forma individual.

A medida do progresso para a Promessa é estabelecido por cada um para si e com a ajuda dos responsáveis e companheiros da Patrulha, de acordo com o seu esforço e responsabilidades pessoais.

A coeducação tem aqui a função de nivelar a exigência e ver os resultados tendo em conta cada pessoa - mais do que uma medida estandardizada que seria, seguramente, discriminadora para uns e para outros.

- **Outros aspectos** a ter em conta:

- A educação da sexualidade tem um papel primordial nesta idade.
- Os Chefes de Unidade devem formar-se neste sentido, não esquecendo que mais do que instrução sexual, que pode ser necessária, trata-se da educação de atitudes perante pessoas. A curiosidade sobre estes temas não deve satisfazer-se à custa da violação da intimidade mas dialogando sobre os aspectos que realmente estão em questão. Os Chefes costumam detectar no ambiente quais as questões que precisam ser aclaradas. Muitas vezes trata-se apenas de “higienizar” o ambiente. E isto consegue-se se a Equipa de Animação previamente tratou entre

si este tema e se reflectiu sobre as suas próprias competências e atitudes.

- Os Chefes da Unidade, com as suas atitudes, são os modelos de conduta que os jovens escuteiros interiorizarão. No aspecto educativo a sua maneira de actuar valerá muito mais que tudo aquilo que puderem dizer.

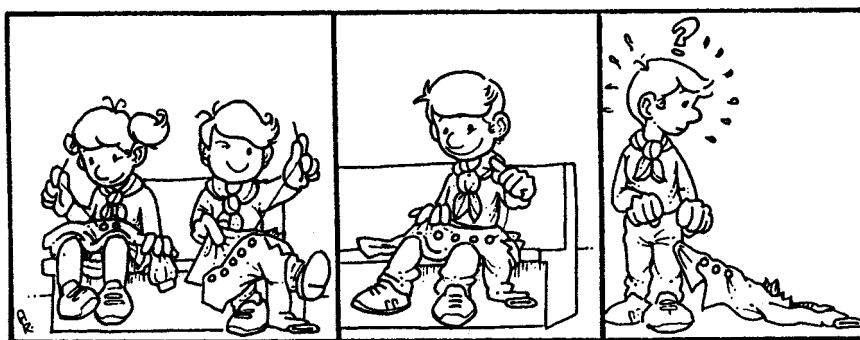
Se os jovens escuteiros, rapazes e raparigas, percebem que há discrepâncias entre a organização da Unidade, as normas estabelecidas, o que se lhes pede, e as atitudes e comportamentos dos responsáveis, di-lo-ão claramente e, o que é pior, comenta-lo-ão entre eles e a Unidade dificilmente progredirá. Nesta Secção os jovens são muito sensíveis à justiça-injustiça, principalmente se provêm dos adultos.

3.3 - PIONEIROS

1. ASPECTOS BIOLÓGICOS

a) *CARACTERÍSTICAS COMUNS*

- Maturação sexual
- Aumenta consideravelmente as forças físicas e a habilidade.
- Aumenta a caixa torácica e a capacidade respiratória, assim como a capacidade digestiva.
- Acaba a maturação cerebral. Começa a pensar com lógica de pessoa adulta. Tem possibilidade de realizar as operações



mentais próprias de uma pessoa adulta: raciocínio, compreensivo.

b) *CARACTERÍSTICAS DIFERENCIAIS*

Desfasamento físico: as raparigas começam a sua mudança hormonal e orgânica antes dos rapazes.

Raparigas:

- Mudança e arredondamento das ancas e das coxas.
- Mudança de voz (baixa dois tons)

Rapazes:

- Aumento de peso e estatura.
- Desaparecimento do rosto infantil.
- Diminui o tecido adiposo.
- Aparecimento do velo púbico.
- Aparecimento do velo nas axilas.
- Aparecimento do velo no bigode.
- Aumento da maçã de Adão.
- Mudança da voz (baixa uma oitava).

c) *OBJECTIVOS*

- Conhecimento do seu corpo.
- Aceitação e interiorização da sua própria sexualidade.

d) *ASPECTOS EDUCATIVOS*

Que cada rapaz e rapariga no seu processo de crescimento aceite a dimensão pessoal do próprio sexo e que vá descobrindo e compreendendo as razões, formas de ser e o processo de crescimento do outro sexo.

2. ASPECTO PSICOLÓGICO

a) *CARACTERÍSTICAS COMUNS*

- Insegurança no manejo do próprio corpo. Cresceu, mudou e não se maneja bem.
- Insegurança perante a pulsão sexual.
- Insegurança em torno da sua própria identidade: quem sou eu?
- Insegurança nas suas relações com os outros.
- Instabilidade emotiva para com as pessoas que ama.
- Começa um "sprint" para a sua autonomia pessoal.
- Descoberta do seu "eu-íntimo" - Auto-reflexão.
- Grandes preocupações sobre as suas aspirações, o seu futuro, o que vai dar lugar a uma série de atitudes típicas:
 - . uma atitude de procura de independência.
 - . necessidade de compreensão por parte dos outros.
 - . necessidade de sonho e fantasia.
 - . hipermotividade.
 - . novas orientações nos seus interesses pessoais. Aparecem novas necessidades, reorienta a sua escala de valores.
 - . capacidade de abstracção.
 - . sentido de autonomia.
 - . necessidade de actuar.
 - . curiosidade crescente por todas as coisas relacionadas com sexo.

b) CARACTERÍSTICAS DIFERENCIAIS

A primeira característica é o desfasamento entre a idade física e psicológica (maior maturidade nas raparigas) embora o desequilíbrio nesta idade seja menor que na etapa anterior.

Torna-se difícil delimitar as diferenças entre os sexos, saber o que é inato e o que é consequência da aprendizagem social e cultural.

- A rapariga torna-se sentimental e susceptível.
- O rapaz parece descarregar forças supérfluas no desporto e no jogo.
- A necessidade de afirmação faz que procurem companhias preferencialmente do mesmo sexo.

c) OBJECTIVOS

- Construir-se e crescer como pessoas capazes de dar e receber amor.
- Orientar a sexualidade para o amor ao outro e, por conseguinte, a educação no projecto comum homem - mulher.

d) ASPECTOS EDUCATIVOS

- A relação entre rapazes e raparigas.
- Procurando que esta relação se centre mais na pessoa de forma global do que no sexo.
- Fomentar a amizade autêntica, o conhecimento do outro, mais do que ver a atracção sexual como único veículo de comunicação.

3. ASPECTO SOCIAL

a) CARACTERÍSTICAS COMUNS

- Torna-se independente dos pais e começa a pensar de forma diferente da deles.
- Atitude contestatária.
- Crise de oposição (agressividade).
- Interessa-lhe mais a sua confirmação com os ideais do grupo do que ficar bem perante os adultos, que considera, em certo modo, como inimigos.
- Apesar de, pela sua necessidade de auto-afirmação, aspirar a destacar-se, é capaz de submeter-se às normas do grupo, a aceitação das normas internas do grupo dá-lhe uma consciência social que o ajuda a ser capaz de assimilar depois as normas sociais gerais.
- Procura as suas próprias amizades.
- Interesses altruístas.

b) CARACTERÍSTICAS DIFERENCIAIS

As diferenças, no aspecto social, está clarissimamente marcado pela sociedade em geral; mas, de uma maneira especial, a que

joga um papel importante é a família que, com a sua educação, na maioria dos casos sexista, colabora em ir perpetuando e acentuando a separação entre os sexos.

A desadaptação ao meio social dá-se em ambos os sexos, mas apresenta diferentes conotações em cada um.

Em geral os rapazes adoptam uma atitude de ostentação, de força, de galhardia, de afã de dar nas vistas; são mais espontâneos, mais desinteressados e mais abertos na escolha das suas companhias. Também são mais impulsivos, menos respeitadores e com facilidade desconsideram os outros.

As raparigas, no geral, são menos naturais e mais interesseiras.

Os rapazes tornam-se independentes mais cedo, as famílias dão-lhes maiores facilidades.

As obrigações familiares, as tarefas domésticas recaem normalmente nas raparigas, muito mais que nos rapazes.

O desfasamento físico nesta idade faz que as raparigas procurem relacionar-se mais com os rapazes de uma idade cronológica superior.

c) OBJECTIVOS

- Descobrir e aceitar o outro como ser social.
- Procurar a igualdade de oportunidades no desempenho dos papéis sociais.

d) ASPECTOS EDUCATIVOS

Apresentação do futuro profissional e social em função das suas preferências e aptidões, não condicionado pela sociedade a partir do aspecto sexual.

4. ASPECTO ÉTICO-RELIGIOSO

a) CARACTERÍSTICAS COMUNS

- Crise de moralidade. Deixa de ter uma moralidade imposta e recebida para atingir uma livre aceitação das normas morais. Os valores preferidos pelo adolescente: a honra, a lealdade ao grupo, a sinceridade...
- Idade das flutuações: heroísmo-sensualidade, narcisismo-amor pelos outros, escrupulosidade-liberalismo.
- Revolta contra o formalismo e o rotineiro, arrastando por vezes coisas que o não são, mas que ele considera também criticáveis por falta de matizes na sua crítica.

- Concepção excessivamente moralizante e negativa da religião que faz o jovem identificar o religioso com o moral.
- Necessidade de ultrapassar a experiência sensível e responder às grandes interrogações da vida.
- Um sentido mais agudo e menos impreciso da necessária existência e presença de Deus.
- Um certo desencanto e desesperança, fruto da perda de valores em que vive a nossa sociedade.

b) CARACTERÍSTICAS DIFERENCIAIS

Do mesmo modo que nos aspectos anteriores, também aqui a família e a educação jogam um papel decisivo na formação ético-religiosa do rapaz e da rapariga. Geralmente as raparigas participam mais nas manifestações e práticas de tipo religioso.

c) OBJECTIVOS

- Atingir uma livre aceitação das normas morais.
- Conseguir que a Secção dos Pioneiros se converta num lugar de reflexão e crescimento na fé, de compromisso e de celebração.

d) ASPECTOS EDUCATIVOS

- Educar em determinados valores (abertura, autonomia, respeito, serviço, compromisso).
- Descobrir Jesus Cristo como resposta aos problemas do homem do nosso tempo, como portador de uma nova vida e de uma nova ordem moral que deve ser analisada e comentada para poder ser interiorizada.

5. COMO ATINGIR ESTES OBJECTIVOS NA SECÇÃO DOS PIONEIROS

Os dinamismos do método escutista em cada uma das Secções tendem a proporcionar uma aprendizagem democrática. Mas é na dos Pioneiros que esta característica está mais patente.

É na reunião geral, pela participação de todos, que se propõem as vias para avançar um projecto comum, planeado no “*código do grupo*”.

Ao ser elaborado pelos próprios Pioneiros, dá todas as possibilidades para que a vida da Unidade se desenvolva segundo as necessidades de todos e de cada um dos seus elementos, em particular.

A Equipa de Animação da Unidade procurarão que cada rapaz, cada rapariga, saiba usar o mecanismo democrático que têm à mão.

Assim não serve a crítica entre grupinhos se não se utiliza, no momento adequado, o órgão de expressão estabelecido. Já se repetiu, até à sociedade, que os Pioneiros funcionam melhor quando são só rapazes. Não é nenhuma novidade. O que faz falta é sabermos utilizar as ferramentas com que o método nos brinda, para nos adaptarmos a circunstâncias cambiantes.

- **Conselho do Empreendimento.** Os que já fizeram a sua Promessa são os responsáveis a levar os mais novos a utilizar as instituições. No Conselho haverá, naturalmente, rapazes e raparigas no lugar idóneo para analisar como se processa, na Unidade, a Coeducação:

- Trabalha-se em conjunto? Há problemas afectivos? Há grupos que se fecham sobre si e dificultam a marcha do Empreendimento?

Com a ajuda da Equipa de Animação, que deverão compreender todos estes porquês, os Guias da Equipa ajudarão os seus companheiros a avançar no campo afectivo e no das aprendizagens técnicas que deverão realizar para levar o Empreendimento a bom fim.

- **A Equipa** composta por 3 ou 4 rapazes e raparigas⁴, veteranos e novos, é o espaço idóneo de convivência. É onde uma rapariga pode perceber o que é o companheirismo e a amizade. Onde um rapaz pode verificar que também uma rapariga pode ser especialista numa técnica concreta. Onde se comprova que a distinção de papeis por sexos, é muitas vezes, um engano. Cozinhar e montar a tenda, igualmente o sabem fazer o rapaz como a rapariga, desde que o aprendam. A resistência física, nesta idade, depende mais da motivação que das hormonas. Ser sensível é diferente de ser piegas. Se há pessoas que cumprem os seus compromissos, outros há que os não cumprem, e nem sempre corresponde a um sexo cumprir ou não cumprir.

A vida em Equipa é o lugar idóneo onde se realiza a compreensão do outro, porque se trabalha, se vencem dificuldades, se divertem junto com os outros. Se os mais velhos da Equipa têm já claros os objectivos a que se propõem, marcam um estilo que impele os mais novos a segui-los. Os mais velhos, participando no Conselho do Empreendimento, podem ter apoio necessário para ajudar.

- **O Empreendimento.** Nesta Secção quase todo o desenvolvimento do Empreendimento, desde a escolha, preparação, realização e avaliação deve ser feito pelos Pioneiros. A Equipa de Animação trabalha como os outros elementos mas devem ser os rapazes e as raparigas a tomar as iniciativas e o comando.

(4) - No C.N.E. as equipas de Pioneiros são compostas de 4 a 8 elementos, também mistas. (N.T.)

Como conseguir Empreendimentos que interessem a todos nesta

idade em que há interesses muito díspares entre os sexos?

Utilizando as instituições que são os órgãos de expressão onde todos e cada um podem expor a sua opinião e motivar os outros a segui-la.

- **Os “Ateliers”.** Haverá Empreendimentos que irão requerer a criação de “ateliers” onde se realizem aprendizagens e se preparem alguns trabalhos. Podem ser independentes da vida de Equipa pois cada rapaz ou rapariga escolhe o que prefere. A decisão é pessoal, mas não desligada do projecto de progresso pessoal que cada Pioneiro se propõe realizar com a ajuda da sua Equipa e dos seus animadores, numa escolha onde muito conta o facto de romper com os tabus sobre diferenças de sexo. Porque é que o jovem Pioneiro não há-de fabricar a sua rede para... seja qual for o desporto, aprendendo “macramé”? E porque é que uma rapariga, se lhe apetecer, não se pode aplicar a fundo a uma marcha de andarilho em representação da sua Equipa? Tudo isto parece já ultrapassado e, felizmente, há indícios de progresso neste caminho, mas é preciso que estejamos muito atentos para não cair outra vez em atitudes e condutas que não estejam de acordo com os nossos objectivos.

- **A Equipa de Animação.** A maturidade afectiva dos animadores da Unidade de Pioneiros é necessária para se poder realizar uma tarefa coeducativa.

Com muita facilidade os problemas afectivos entre rapazes e raparigas no seio do grupo dos Pioneiros dificultam a boa harmonia, entorpecendo a marcha da Unidade. Porém estes problemas são normais, já se conta com eles e os responsáveis terão de ser o “fiel da balança” entre as necessidades de interiorização de se fecharem sobre si mesmos e as necessidades de actividade e de exteriorização de sentimentos, formação de pares ou inimizadas passageiras. É básico poder-se falar de todas estas coisas sem tabus, mas sem dar-lhes uma importância transcendente e desmesurada.

Os problemas afectivos que já não seriam tão normais são os que podem partir dos responsáveis para os rapazes ou raparigas.

Estes afectos entre responsáveis e jovens apresentam sempre um dilema: ou se é educador e o par não é livre porque está ao mesmo nível, ou o par funciona como tal e deixou-se de ser educador.

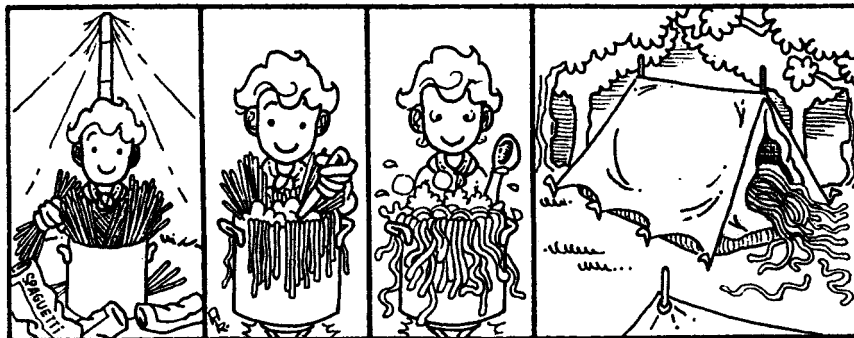
Nestas coisas há que escolher. De contrário estamos absorvidos pela dinâmica dos rapazes e raparigas, deixando de ser educadores para passar a ser... companheiros.

3.4 - CAMINHEIROS

1. ASPECTOS BIOLÓGICOS

a) *CARACTERÍSTICAS COMUNS*

A idade dos 17-18 anos estes aspectos chegaram já a uma etapa evolutiva de adulto jovem. As diferenças sexuais estão bem marcadas e desenvolvidas; ambos os sexos, no aspecto biológico, têm já possibilidades de procriação.



b) *CARACTERÍSTICAS DIFERENCIAIS*

As diferenças entre os sexos são manifestas, mas convém considerar que mesmo intrasexos também se verificam diferenças. Nem todos os rapazes têm possibilidades de desenvolver musculatura. Igualmente entre as raparigas umas são fisicamente mais “femininas” que outras; depende, em grande parte, da composição hormonal de andrógenos e estrógenos que varia intersexos mas também intrasexo.

c) *OBJECTIVOS*

Valorizar as diferenças sexuais na sua justa medida, analisando o que é próprio da biologia, o que é condicionamento cultural necessário e o que é condicionamento social excessivamente classificador por sexo.

d) *VALORES EDUCATIVOS*

Interesse pelo desporto e o esforço corporal que ajuda a dominar o próprio corpo, ampliando as possibilidades de realização pessoal.

2. ASPECTO PSICOLÓGICO

a) *CARACTERÍSTICAS COMUNS*

- Início da identidade adulta.
- Maior confiança em si mesmo.
- Tomada de decisões pessoais. Tensão por se libertar de qualquer tutela.

- Para os rapazes e raparigas desta idade é importante determinar o que está bem e o que está mal de acordo com o que eles pensam, com o que eles sentem pessoalmente.
- É nesta idade que começa a evidenciar-se a orientação profissional.
- Sentem um especial interesse pelas relações inter-pessoal. Os grupos são mistos e amplos.
- Descobrem que uma pessoa do sexo oposto pode ser um excelente amigo com quem é possível falar e discutir os mais variados problemas que os preocupam. Dominam muito melhor as suas emoções.
- Preferem mais passar o seu tempo com amigos do que com família.
- Têm interesses desportivos.
- A música é passatempo importante para esta idade.
- Gostam de ler revistas de informação geral e técnicas.
- Têm maior interesse pela competição.
- Experimentam uma forte curiosidade sexual e se questionam a si mesmos sobre as suas possibilidades neste aspecto.
- Forte necessidade do amigo íntimo do mesmo sexo a quem explicar os problemas que o preocupam.
- Necessidade de se sentirem amados e valorizados particularmente, tanto pelo desejo de conhecer o outro sexo como para afirmar a própria sexualidade.
- Tensões muito directas para a actividade sexual.
- Dão muita importância à opinião que os outros têm deles. O caminho vai superando a etapa dos “descobrimientos” e isso será nesta idade, quando vir com mais clareza a possibilidade de comunicação com o outro sexo e, mais tarde, com uma pessoa em particular.

b) CARACTERÍSTICAS DIFERENCIAIS

- As raparigas têm muitas amigas, mas têm uma amiga íntima. Interessam-se pela personalidade das suas amigas.
- Os rapazes têm um ou dois grandes amigos, frequentemente desde há muito tempo; mas apesar disso, fazem parte de um grupo numeroso de amigos.
- Dão muita importância à opinião que os outros têm deles, em especial quando se trata de raparigas. O seu aspecto físico, em muitas ocasiões, condiciona as suas actividades, sobretudo se se consideram atraentes. Vivem mais dependentes da forma de vestir e de se apresentarem em grupo que de outra coisa. No caso de não corresponder à moda-padrão, tanto os rapazes como as raparigas aceitam mal o gozo sobre a sua apresentação exterior.

c) *OBJECTIVOS*

- Procurar o equilíbrio afectivo que reforce a personalidade, sem cair em excessivas dependências.
- Valorizar a sexualidade, dando-lhe a importância que ela realmente tem no desenvolvimento corporal e afectivo da pessoa.
- Viver a relação de namoro como uma grande possibilidade de definição como pessoa e de realização como indivíduo.

d) *ASPECTOS EDUCATIVOS*

- Ajudar os Caminheiros a reconhecerem-se, como homem e mulher, com o seu corpo, em todas as suas possibilidades psicológicas, afectivas, físicas e intelectuais.
- Procura-se que, fazendo grupos de convivência e acção mistos, cada um seja capaz de respeitar o outro, considerando as suas diferenças mas sem impor um estilo de funcionamento baseado no sexo.
- Serem conscientes e responsáveis quando começarem um namoro. É uma decisão séria, é um projecto de vida e de esperança. Se ninguém suporta ser tratado como uma coisa, deveremos perguntar-nos que pensamos dos rapazes/raparigas-objecto que passam de mão em mão e de hora em hora, sem nenhuma ternura nem humanidade.

3. ASPECTO SOCIAL

a) *CARACTERÍSTICAS COMUNS*

- Nesta etapa começa uma fase de maturação mais lenta, mas também mais calma. O facto de atingirem já uma certa segurança nas próprias atitudes permite ao rapaz e à rapariga manifestar com mais clareza e segurança a sua própria maneira de ser, as suas possibilidades inexploradas.
- O jovem sente-se liberto da tutela do adulto e projecta-se para objectivos externos a si mesmo. Ainda não é o momento de decisões importantes nem de opções definitivas, mas cada vez mais pesa a tendência para o diálogo e a colaboração e, como consequência, para preocupar, através do grupo de amigos, ocasiões para dar forma concreta aos ideais, utopias e esperanças, para amadurecer os próprios critérios e para afirmar a consciência crítica.
- Sente uma clara desconfiança na sociedade.
- Tem medo da solidão e do aborrecimento porque, no fundo, trata-se de uma crise de orientação.
- Manifesta certa hostilidade à ordem e à burocracia, a toda a institucionalização e organização e mesmo à repetição.
- Muitos têm um sentimento de impotência para transformar a realidade que consideram injusta.

- Querem sempre o novo e que seja o fruto do que eles pensam.
- Necessidade de realizar qualquer coisa que dê à sua vida uma orientação de compromisso social.
- Insegurança pelo futuro. Concretamente nos nossos dias o problema do trabalho é uma realidade que os afecta de uma maneira muito directa. E isto provoca uma maior dependência familiar numa idade em que é absolutamente necessária uma certa autonomia.

b) ASPECTOS DIFERENCIAIS

A sociedade dá mais importância ao papel masculino em certas profissões e estudos, marginalizando a mulher.

c) OBJECTIVOS

- Escolher os futuros estudos e profissões em função dos seus interesses e aptidões pessoais e não em função do sexo.
- Que cada um, seja homem ou mulher e se sinta responsável pelo seu crescimento e, quando for ocasião, ponha as suas qualidades ao serviço dos outros.
- Trabalhar activamente na solução dos problemas surgidos, conjugando esforços com os de outras pessoas e os colectivos, na procura de alternativas válidas.
- Saber respeitar os valores familiares sem renunciar aos próprios ideais, trazendo e construindo um novo tipo de relação familiar.

d) ASPECTOS EDUCATIVOS

- Descobrir diferentes possibilidades educacionais (cooperativismo, serviços à comunidade...)
- Não se deixar enclausurar pelos ideais tradicionais, mas descobrir e procurar novas perspectivas tanto nos estudos como profissionais.
- Reencontrar o seu papel no seio familiar. Um papel que lhe dê o necessário e desejado distanciamento da família, muito embora não tenha ainda conseguido a autonomia cultural e económica própria da idade adulta.

4. ASPECTO ÉTICO-RELIGIOSO

a) CARACTERÍSTICAS COMUNS

- Proclama uma nova ética: tudo o agradável é moral e tudo o desagradável é imoral.
- Acredita e procura os valores em que acredita e experimenta como verdadeiros: a união, a solidariedade, o repartir, a honestidade, a igualdade, a justiça.
- Opõe-se a que a vida seja dominada apenas pela razão; opõe-se a definir a realidade apenas pela racionalidade.
- Nesta idade os jovens sentem-se interpelados na primeira

pessoa e querem emitir juízos e aprofundar os aspectos ético-religiosos.

- Rebelião ilimitada contra o formalismo e o rotineiro, para onde arrasta, por vezes, coisas que o não são mas, que, por falta de perspectiva na sua crítica, considera também formalistas e rotineiras.

- O contraste entre as normas morais que se lhe ensinam e a imoralidade da sociedade em que vive, costumam produzir no jovem duas atitudes distintas: uns tomam a atitude de cepticismo; outros encerram-se num idealismo moral, esquemático e sem matizes.

- Os falhanços morais das pessoas que considera superiores costumam produzir nele graves crises.

b) OBJECTIVOS

- Ser capaz de dar resposta à sua dimensão transcendente e religiosa.

- Orientar a sua vida de acordo com uma hierarquia de valores.

- Desenvolver uma fé madura e partilhada com os outros.

- Assumir a mensagem evangélica.

- Viver a fé como libertação pessoal, nunca como problema mas como encontro que dê cor, estilo e sentido à própria existência.

- Descobrir um Deus que é Amor, que criou o homem como um ser livre para que continue a sua obra criadora do Mundo - é este o sentido do compromisso e do serviço que faz o Caminheiro.

c) ASPECTOS EDUCATIVOS

Adaptar à sua vida os valores que a fé lhe propõem de forma que esteja de acordo com as realidades do nosso tempo. Maturação de fé; reflectir sobre a resposta actual da fé nas diversas situações sociais.

5. COMO CONCRETIZAR NO CAMINHEIRISMO OS OBJECTIVOS ANTERIORES

A metodologia na Secção do Caminheirismo não oferece aspectos tão concretos e que possamos referir como para as Secções anteriores.

O Caminho é visto como uma descoberta social e a realização de um serviço que o ajude a reflectir e decidir o seu compromisso de pessoa adulta que começa a vida.

Se as outras etapas no Escutismo foram positivas, encontramos com pessoas que interiorizaram hábitos de conduta, aprenderam

nos e nós influímos nele, e nem sempre positivamente.

Os rapazes e as raparigas integrados no Caminheirismo e a sua Equipa de Animação possuem já, nos objectivos gerais a que se propõe a coeducação e nos objectivos próprios desta Secção, material suficiente para analisar a distância a que se encontram de os atingir.

Os aspectos a educar são a forma como podem atingir os objectivos. Se um Clã realizar as tarefas propostas para a descoberta do meio social, forçosamente se lhe apresentou muitas vezes o problema da corresponsabilidade entre o homem e a mulher, e isto tanto nas tarefas do Clã como em relação a outros grupos sociais. É apenas questão de comparação entre os objectivos gerais e a realidade.

Depois disto é esforçar-se com ferramentas já conhecidas para aproximar cada vez mais estes dois aspectos, procurando que o processo de coeducação realizado se converta finalmente numa corresponsabilidade.

4

O Processo Coeducativo na Formação de Dirigentes

4.1 - A EQUIPA DE ANIMAÇÃO DA UNIDADE E A COEDUCAÇÃO

Uma das maneiras que temos para aprender é pela imitação. Durante a infância e a adolescência tem uma grande importância e principalmente quando através da conduta não se transmite só uma técnica de fazer determinadas coisas mas principalmente valores sociais.

Os responsáveis são vistos como modelos pelos rapazes e raparigas da Unidade. O método de educação que se realiza no Escutismo é o da aprendizagem directa “fazendo” as coisas. A convivência estreita e continuada fomenta laços afectivos muito fortes. Estas características tornam ainda mais marcado o valor destes modelos que os jovens imitam, principalmente na idade dos Lobitos. Nas outras idades podem também ter importância, embora o raciocínio dos Exploradores e Pioneiros ponha em evidência as contradições que se possam verificar entre os modelos de conduta dos responsáveis da Unidade e as suas opiniões verbais. Por vezes até pode acontecer que nem a conduta nem as opiniões sejam as adequadas à educação que pretendem dar.

Isto mostra que os responsáveis têm de ter claros os seguintes pontos:

1. Ter reflectido seriamente se está de acordo com os valores que o Escutismo apresenta e com as suas opções de EDUCAÇÃO, FÉ e CIVISMO.

Na opção educativa compreende-se englobada a aceitação dos métodos das Secções e a aceitação da coeducação.

2. Se o seu estilo de vida tende a reflectir estes valores de uma maneira ou de outra.

3. Ter reflectido sobre o próprio processo de maturação sexo-afectiva. E ter uma ideia clara de como a encaminhar. Um Dirigente que tenha problemas afectivos pode ficar anulado pelo grupo, como educador, ao permitir que seja este grupo a proporcionar-lhe o afecto de que necessita, perdendo assim a suficiente perspectiva para o trabalho educativo. As pessoas egocêntricas que se tornam responsáveis de jovens para resolver os seus problemas pessoais frequentemente fazem perigar a Unidade.

4. Ter uma preparação técnica sobre a repercussão da afectividade e da sexualidade na evolução dos rapazes e raparigas.

5. Conhecer os fenómenos que se dão na dinâmica do grupo heterossexual.

É conveniente que a Equipa de Animação da Unidade fale e discuta até chegar a acordo sobre como desejam os papéis masculinos e femininos na sociedade. E sobre os aspectos concretos a potenciar e a corrigir entre eles para que o seu comportamento como equipa de responsáveis possa ser coerente com os critérios educativos do Movimento.

Os responsáveis que tenham uma relação de namoro têm de pensar que podem enriquecer muito com o seu exemplo a ideia do namoro que tenham os rapazes e raparigas. A sua relação será observada e tomada como ponto de referência. Sobretudo nos Lobitos tem-se uma grande curiosidade pelo que “fazem os namorados”.

Durante um namoro há necessidade de intimidade; mas nas saídas e nos acampamentos a atenção dos responsáveis tem de fixar-se nos rapazes e raparigas. E estes não vêm com bons olhos e criticam que um casal de namorados responsáveis estejam dependentes um do outro de uma forma que roube tempo à relação que devem ter com a Unidade. É esta a opinião que temos recolhido de rapazes

e raparigas, muitas vezes, no regresso de acampamentos.

4.2 - RELAÇÕES DA EQUIPA DE ANIMAÇÃO COM OS PAIS

Em todas as Unidades é necessária, mas é, particularmente, imprescindível nas Alcateias de Lobitos. Para os rapazes e raparigas, desta Secção os pais são o ponto mais importante e as suas opiniões e decisões têm muito peso, mesmo que, por vezes, não o pareça. Se os pais estão informados do que se pretende com a coeducação e de que forma se levará á prática, o mais provável é que eles também ajudem, pondo em prática, na família, algumas sugestões que se poderão fazer nas conversas familiares.

Deste modo pode criar-se um estado de opinião entre os pais do grupo e portanto, na sociedade dos adultos. E se o grupo funciona bem, isto é, se as palavras coincidem com os factos, isto pode ter um peso importante na vida do bairro ou da aldeia.

4.3 - O PROCESSO COEDUCATIVO NA FORMAÇÃO DE DIRIGENTES

1. FORMAÇÃO BÁSICA PARA CHEFES DE UNIDADE

Objectivos:

- Assumir de forma pessoal as normas coeducativas do Movimento Escutista.
- Ser coerente entre as normas e o seu estilo de vida.
- Praticar a corresponsabilidade dentro da Equipa de Animação.
- Ter conhecimento da dinâmica psico-sexual no processo evolutivo para dar a resposta adequada na vida da Unidade.

2. NÍVEL DE APROFUNDAMENTO

Objectivos:

- Descobrir como os diversos passos do método são o meio para educar coeducativamente.

3. NÍVEL DE FORMAÇÃO PERMANENTE

Objectivos:

- Sensibilizar os responsáveis de Unidade para seguirem o processo coeducativo nas diferentes Secções.
- Proporcionar os recursos necessários para levar a cabo este

to, como da Secção.

4. FORMAÇÃO DE FORMADORES

Objectivos:

- Saber analisar as actividades e comportamentos dos rapazes e raparigas na formação básica referentes à corresponsabilidade.
- Proporcionar conhecimentos e recursos técnicos para realizar a formação no aspecto coeducativo.

5 | Atelier sobre Coeducação

5.1 - NÍVEL BÁSICO

- Introdução
- Objectivos do Atelier
- 1ª parte: Como actuamos, cada um de nós, na interacção com os outros. Jogo Cénico.
- 2ª parte: Como o ambiente social e familiar influi nas nossas atitudes e acções.
- 3ª parte: Atitudes da Equipa de Animação. Objectivos da coeducação e normas para a realizar.
- Grelha de observação qualitativa para o monitor do Atelier. Anexo A.
- Grelha de observação. Anexo B.
- Grelha de observação qualitativa. Anexo C.
- Estudo de caso. Trabalho de grupos. Anexo D.
- Guião para o monitor do Atelier.
- A Equipa de Animação da Unidade e a coeducação.** Anexo E.
- Avaliação de cada participante. Anexo F.

● **Introdução:**

Este tema, como quase todos os temas, precisa de ser experimentado, de ser vivido. Não se pode resolvê-lo teoricamente com uma palestra, e muito menos com uma simples leitura.

Partimos do princípio de que, pelo menos na maior parte dos casos, todos estaríamos de acordo com os objectivos da coeducação, a nível de raciocínio; porém as nossas atitudes e condutas contradizem, muitas vezes, estas tomadas de posição.

Os responsáveis pela Formação de Dirigentes e, particularmente, o responsável por este atelier concreto, conhecerão, naturalmente, os objectivos referentes à coeducação que foram adoptados, no momento oportuno, pela Assembleia do M.S.C. (ver Capítulo 2 deste livro).⁵

Tendo presente estes objectivos, pode observar-se os participantes na formação, ao longo das Sessões, para conhecer as suas atitudes e condutas referentes à interacção rapaz/rapariga (ver grelha anexa A). É um material em primeira mão que se poderá utilizar na Formação.

Este tipo de metodologia pretende seguir os seguintes passos:

- Como actuamos, cada um de nós, em relação aos outros: Ficamos inibidos? Dominamos de forma abusiva? Deixamos que outros decidam? Pômo-nos a criar dificuldades ao trabalho dos outros?
- Como é que o ambiente familiar e social influi nas nossas atitudes e tomadas de decisões?
- Que modelo de pessoa transmitimos aos rapazes e raparigas das nossas Unidades?

Só desta forma, comprovando, com opiniões e factos concretos, a maneira de reagir pessoal, se pode tomar consciência do que temos que modificar e/ou potenciar em nós mesmos, para ajudar nesta tarefa educativa/coeducativa do Escutismo.

● **Objectivos do Atelier:**

No final do atelier, os participantes deverão estar em condições de:

- Expressar quais são os objectivos e condições para o funcionamento de Unidades coeducativas.
- Referenciar quais os aspectos positivos e negativos que apresentam as influências sociais referentes aos valores coeducativos.

(5) - O C.N.E. deliberou aceitar a coeducação no Conselho Nacional de Representantes. Veja-se, em apêndice, as considerações e objectivos.

- Descrever o perfil do Chefe de Unidade, capaz de transmitir os valores coeducativos.

● **Número de Participantes:**

25 a 30, número equilibrado de homens e mulheres.

● **Tempo:**

7 horas de trabalho, mais os intervalos necessários.

● **Material:**

Para a 1ª e 2ª parte:

- Grelhas de observação (uma por participante). **Anexo B.**
- Papel ou bloco gigante para anotar os resultados da observação. O melhor sistema é, ainda, a própria grelha executada em tamanho gigante, que se vai preenchendo.
- Papel grande para anotar as conclusões.
- 5 cartolinas de 5 cores diferentes. Vermelho, verde, amarelo, azul e bege (por exemplo).

● **METODOLOGIA:**

PRIMEIRA PARTE:

Como actuamos, cada um de nós, em interacção com os outros.

Explica-se que irão fazer um jogo em que cada um desempenhará um papel, (sem fazer qualquer referência à coeducação). Simularão um Conselho de Agrupamento para preparar uma actividade de todo o Agrupamento: **Festa de S. Jorge...** ou qualquer outra. Cada Equipa de Animação de Secção há-de trazer o projecto da sua Secção e há-de explicá-lo aos outros Chefes.

Oferecem-se os papeis ou tarefas, procurando evitar referir os papeis masculinos e femininos. Exemplo: dizer "Responsáveis de Grupo, de Secretaria, de Tesouraria, de Material...". Evitar o artigo masculino ou feminino para não induzir a quem há-de realizar o papel.

Terão de ser, no total, uns 12 ou 14 e é importante que surjam voluntários. Uma vez decididos, saem da sala para escolherem os respectivos papeis e o projecto a apresentar por cada Secção.

Colocam, também, ao peito e no ombro um cartão com o nome e a cor da Secção que representam, ou se se preferir, o lenço respectivo.

Aos que ficam na sala distribui-se-lhes a **grelha C**. É a grelha de interacção de Bales, e usa-se para conhecer as atitudes das pessoas numa discussão de grupo.

Cada um dos que ficaram na sala tem que observar a um só dos participantes, pelo que só preencherá uma coluna da pauta, anotando as vezes que o seu observado tenha cada uma das intervenções descritas.

O monitor do Atelier demonstrará, previamente, com um exemplo, para aclarar cada particularidade do jogo.

Tempo: até aqui 20 minutos.

JOGO CÉNICO:

*Começa-se o jogo. Os participantes sentam-se em volta de uma mesa grande e os observadores, logo por detrás, em volta dos participantes. A pessoa que dirige o jogo tem uma grelha de observação. Propomos a do **Anexo A**. Depois de uns 20 ou 30 minutos, dependendo de se já se ter ou não elementos de observação suficiente, se é divertido, o que dizem e se mantêm o interesse dos observadores, pode dar-se o jogo por acabado.*

Logo que todos regressam aos seus lugares, procuram pôr-se de acordo sobre o que anotaram para que um porta-voz dê o resultado das conclusões.

GRELHA:

Começa-se por preencher a planta geral: **Anexo B**.

1. Expõe primeiro aquele que observou o Chefe ou a Chefe do Agrupamento, destacando cada pessoa se também há Adjuntos.
2. O Assistente do Agrupamento.
3. Cada Secção, Chefe por Chefe, destacando se é homem ou mulher.
4. Tesoureiro, Secretário, etc...
5. Total de intervenções masculinas, total de intervenções femininas.
6. Tiram-se conclusões referentes ao tipo de atitudes, mais passivas ou mais activas, do total das intervenções.

Pode fazer-se uma explicação em geral do resultado da pauta e pergunta-se que mais foi observado em relação com a interacção homens-mulheres. Aqui pode durar até ser útil que todos tenham a pauta do jogo (grelha A). Fica ao critério do monitor.

Esta parte pode durar de uma hora a uma hora e meia, de acordo

com o desenrolar da discussão. Somando os 20 minutos anteriores, é necessário calcular-se um total de duas horas.

É natural que se produza um certo confronto entre homens e mulheres e que até gere agressividade. No guião o monitor pode prever um jogo ou dança movimentada que canalize e faça desaparecer esta agressividade.

Tempo: 30 minutos.

SEGUNDA PARTE

Como o ambiente familiar e social influi nas nossas atitudes e nas nossas acções.

Material:

- Cada participante terá uma folha com o caso a estudar e as perguntas a discutir em grupo (**Anexo D**).
- Um mural de papel com as 3 perguntas para anotar as conclusões.

ESTUDO DE UM CASO:

Fazem-se grupos de umas 6 a 7 pessoas; cada pessoa tem o caso para estudar e as perguntas para contestar. Podem trabalhar por grupos durante 45 minutos e depois todos juntos para elaborar as conclusões. O monitor ou o porta-voz de cada grupo contesta as questões apresentadas e cada participante que queira dá a sua opinião se lhe parecer que são adequadas ou não à pessoa em análise.

É necessário que aquele que leva o tema esteja atento a todos os interrogatórios que surjam, assim como às possíveis soluções erradas ou menos certas, para as desenvolver e discutir, até que se veja claro quais as adequadas, de acordo com os nossos princípios educativos.

Para organizar o caso e conduzi-lo de maneira adequada, recomendamos a leitura de “**L’estudi de cas**”, página 21 do livro: “**Tècniques i ajudes de Formacio**” publicado por Minyons Escoltes i Guies Sant Jordi de Catalunya.

Esta segunda parte pode durar umas duas horas.

Se as conclusões foram bem trabalhadas e redigidas podem recolher-se e reproduzi-las para todos os participantes nas sessões de Formação de Dirigentes.

TERCEIRA PARTE

Atitudes da Equipa de Animação

Para esta terceira parte é melhor dividir os participantes por Secções. É necessário uma pessoa para dirigir a discussão em cada grupo.

O Monitor apresenta um guião com as conclusões. **Anexo E.**

Se se julgar conveniente pode dar-se um exemplar a cada participante, como resumo.

Material:

6 ou 7 questões, por Secção, relativas ao funcionamento da Equipa de Animação, mediante uma anedota, um caso breve, uma situação conflituosa da Secção, etc...

É preferível que este material assente num caso verídico, recolhido de Chefes experientes ou de Chefes de Grupo. Não é necessário que cada participante tenha uma folha com o caso. Basta uma para todos.

Ver guião sobre a *Equipa de Animação e a Coeducação*. (**Anexo E**).

Sistema de bandeja: (“Tècniques i ajudes de Formació”, pág.27).

Pode fazer-se de modo simplificado. Dá-se o caso a um participante. Este lê-o e dá a sua opinião sobre o mesmo e como o resolveria, no caso de ser necessário resolvê-lo. Os restantes participantes do grupo dão a sua opinião.

Dá-se o caso seguinte a outro participante, utilizando o mesmo processo, até 4 ou 5 casos. É necessário ter presente que o grupo, dividido por Secções, fica reduzido a 6 a 10 pessoas por Secção.

Deve ter-se em conta o que a Metodologia Educativa de cada Secção diz sobre a respectiva Equipa de Animação, além da interacção educativa rapaz-rapariga nessa mesma Secção. Um secretário ou uma secretária tomarão notas do perfil das Equipas de Animação.

Reunião Geral:

Cada grupo explica aos outros o perfil do Chefe de Unidade que elaborou. O monitor do Atelier pode fazer um resumo dos passos dados nas três partes, o porquê de cada passo e interligar todas as

questões surgidas até chegar aos propósitos coeducativos do Movimento. Estes propósitos podem tornar-se operativos tendo em conta as normas vigentes para a coeducação já que, sem estes requisitos, falta-nos a matéria-prima, ou seja, a possibilidade de fazer coeducação.

É importante que fique claro para cada participante quais são os objectivos da educação e as normas para levá-las a cabo.

Este material encontra-se neste mesmo livro (ver 4.1). Por este motivo não voltamos a repeti-lo em anexo.

Tempo:
2 horas e 30 minutos.

GRELHA DE OBSERVAÇÃO QUALITATIVA PARA O MONITOR DO ATELIER SOBRE COEDUCAÇÃO

Jogo Cénico

- Quem é o Chefe de Agrupamento, um homem ou uma mulher?
- Composição das Equipas de Animação das Secções. Homem/Mulher? Dois homens? Ou duas mulheres?
- Apresentaram-se para fazer o jogo igual número de homens e mulheres? Foi mais difícil os homens oferecerem-se como voluntários? Ou as mulheres?
- Ao apresentar as actividades de cada Secção, quem as apresenta? Quem continua? Interromperam-se continuamente? E mutuamente?
- Geralmente, quem tem a iniciativa de falar?

Trata-se de se observar se as atitudes mais activas e práticas correspondem maioritariamente aos homens e, pelo contrário, as mais passivas às mulheres.

Alegarão, seguramente, que estão representando; mas, aqui precisamente está o detalhe, representam arquétipos sociais mais do que aquilo que eles mesmo são: demonstram a influência social.

Não se pretende fazer uma observação científica sem termos elementos reais em que nos baseamos para podermos falar de papéis sociais.

Por esta razão pode ser interessante ter observado anteriormente em outras Sessões:

- quem são os secretários nos grupos mistos;
- quem faz propostas concretas;
- quem pede esclarecimentos ou questiona temas.

Estas e outras condutas podem ajudar a consciencializar se as atitudes e acções são influenciadas pelo carácter de cada um ou pelo condicionamento social sobre o papel do homem e da mulher.

TABELA DE INFORMAÇÕES

ANEXO B

	C.A.	A.A.	S.A.	T.A.	C.Alc.	C.Alc.-Adj.	C.G.E.	C.G.E.-Adj.	C.G.P.	C.G.P.-Adj.	C.C.	INSTRUTORES	TOTAIS	
<p>INTERVENÇÕES POSITIVAS</p> <p>ÁREA SÓCIO-AFECTIVA</p> <p>INTERVENÇÕES ORIENTADAS PARA O TRABALHO DE GRUPO</p> <p>ÁREA SÓCIO-AFECTIVA</p> <p>INTERVENÇÕES NEGATIVAS</p> <p>ÁREA SÓCIO-AFECTIVA</p>	Ajuda os outros													
	Tranquiliza													
	Apresenta sugestões													
	Dá opiniões													
	Comenta Informa Confirma Classifica Repete Aclara Sintetiza													
	Pede opiniões													
	Pede ideias													
	Critica													
	Põe-se tenso													
	Ataca ou defende-se													

ORIENTAÇÃO PARA A GRELHA QUANTITATIVA

Uma vez preenchida a grelha geral (Anexo B), o que deve ser feito rapidamente porque pode ser de novo analisada, procura-se tirar conclusões:

- Qual dos sexos teve mais atitudes na área positiva? (geralmente são as raparigas/mulheres).
- E na área activa de intervenção orientadas para o trabalho? (mais prática, geralmente os rapazes/homens).
- E na área negativa? (os que dificultam o trabalho):
 - . número de intervenções masculinas?
 - . número de intervenções femininas?

Tudo isto deve ser feito num tom de brincadeira, reconhecendo que é uma representação de um papel, mas que corresponde ao que sucede socialmente e nós temos bastante interiorizado o modelo social.

Se não se destacam as posturas passivas como femininas e as activas como masculinas deve felicitar-se o grupo pelo muito bem educado que está... Mas fazendo-se notar que geralmente não é assim!

ESTUDO DE CASO

TRABALHO POR GRUPOS

Ano de 1986: Pedro, 21 anos, estuda no 3º ano do curso de Engenharia de Telecomunicações.

Marta, 18 anos, está no 12º ano.

Os dois fazem parte da Equipa de Animação duma Unidade coeducativa, depois de terem feito o Curso de Iniciação Prática - C.I.P.

A Unidade vai muito bem e a Equipa de Animação também.

Ano de 1987: Pedro, 22 anos, 4º ano de Telecomunicações.

Marta, 19 anos, 1º ano de História Moderna.

Pedro e Marta continuam na Equipa de Animação e “vêm-se com bons olhos”.

Ano de 1988: Pedro faz o 5º e o último ano. Marta o 2º.

Pedro e Marta casam-se. Fruto de um bom programa de trabalho, os dois repartem as lides caseiras e ganham aproximadamente o mesmo.

Acabado o curso, ele vai cumprir o serviço militar e ela continua, com os outros Dirigentes, a dirigir a Unidade.

Ano de 1989: Pedro, acabado o curso e o serviço militar, teve sorte e rapidamente encontrou um emprego como Engenheiro. Marta faz o 3º ano. Continua a trabalhar. Os dois deixam o Agrupamento e trabalham agora na Comissão de Moradores do Bairro em que vivem. Decidem ter um filho.

Ano de 1990: O trabalho de Pedro é muito interessante e muito bem remunerado. Começa a mover-se a nível da empresa e dos outros profissionais. Filia-se num partido político da área socialista.

Nasce o filho que esperavam. Marta continua o curso de História, de que faz o 4º ano, mas deixa o emprego.

Ele dedica-se cada vez menos à Comissão de Moradores. Ela, embora lá continue, não pode dar uma participação como gostaria

porque tem que cuidar do filho, tanto mais que Pedro tem agora o tempo muito ocupado com reuniões profissionais e políticas.

Como ela agora passa muitas horas em casa, na prática é ela que faz quase todo o trabalho caseiro.

Ano de 1991: Tudo continua mais ou menos como no ano anterior. Marta faz o 5º ano de História com muito esforço, pois o filho e o trabalho de casa deixa-lhe pouco tempo.

Ainda que lhe desagrade, não encontra tempo para a Comissão de Moradores.

Ano de 1992: Pedro está cada vez mais entregue ao trabalho e à actividade profissional e política.

Marta, apesar de ter terminado o curso, não encontra facilmente trabalho. Fundamentalmente é ela que cuida dos dois filhos e do trabalho caseiro. Ele cada vez está mais comprometido com a sociedade e sente-se plenamente realizado na sua profissão. Ela não pode ainda, apesar de o ter tentado quase desesperadamente, fazer qualquer coisa fora de casa e das crianças, tanto no plano profissional como no de acção social. Em absoluto, não se sente realizada.

A comunicação entre os dois é cada vez mais superficial e cada vez mais vivem em mundos diferentes.

1. Quais são os factores mais determinantes deste caso?
2. Que vias de solução se poderiam encontrar?
3. Será este um caso geral ou uma excepção? Porquê?

GUIÃO PARA O MONITOR DO ATELIER

O ideal é chegar à conclusão que tanto o rapaz/homem como a rapariga/mulher têm direito a criar o seu futuro profissional e o seu futuro como casal de esposos.

Normalmente a maternidade condiciona a mulher durante um tempo, mas é necessário encontrar soluções sociais que favoreçam e apoiem a maternidade e paternidade, sem obrigar nenhum membro do casal a renunciar definitivamente às suas aspirações profissionais. A solução do problema está nas possibilidades sociais actuais do que no casal em si mesmo.

Deve procurar-se uma mudança de mentalidades que nos permita buscar soluções sociais favoráveis para o crescimento como pessoas.

A EQUIPA DE ANIMAÇÃO DA UNIDADE E A COEDUCAÇÃO

Uma das maneiras que temos para aprender é a imitação.

Durante a infância e a adolescência isto tem grande importância e ainda mais quando, através da conduta se manifestam não somente numa maneira de fazer determinadas coisas mas principalmente valores sociais.

Os Dirigentes são os modelos para os rapazes e raparigas da Unidade. E é a aprendizagem directa que usamos no Escutismo, como modelo educativo. A convivência contínua e profunda fomenta laços afectivos muito fortes. Estas características marcam mais profundamente o valor destes modelos que os rapazes e raparigas vão imitar, especialmente na idade dos Lobitos. Nas outras idades podem também ter importância, embora nas idades dos Exploradores e Pioneiros, estes ponham já em evidência as contradições existentes nos Dirigentes entre o seu modelo de conduta e as suas opiniões verbais. Pode até acontecer que, em alguns casos, nem o modelo de conduta nem as opiniões verbais sejam as adequadas para a opção educativa que se pretende dar.

Isto pressupõe que os Dirigentes tenham bem claros os seguintes pontos:

1. Ter seriamente reflectido se se está de acordo com os valores apresentados pelo Escutismo. E com as suas opções de EDUCAÇÃO, FÉ e CIVISMO. Na opção educativa está englobada a aceitação dos métodos das Secções e da coeducação.
2. Ter reflectido seriamente se o seu estilo de vida, de qualquer maneira, tende a reflectir estes valores.
3. Ter reflectido sobre o próprio processo de amadurecimento sexo-afectivo e ter uma ideia clara de como encaminhar este processo. Um Dirigente que tenha ainda problemas afectivos pode ficar absorvido pelo grupo - se este lhe proporciona o afecto de que está carente - perdendo assim a suficiente perspectiva para actuar como educador. As pessoas egocêntricas que realizam tarefas de chefia para resolver os seus problemas pessoais fazem perigar a Unidade.
4. Ter uma preparação técnica sobre a repercussão que a afectividade tem na evolução dos rapazes e raparigas.

5. Conhecer os fenómenos que se verificam na dinâmica do grupo hetero-sexual.

É interessante que a Equipa de Animação da Unidade fale e discuta até se pôr de acordo sobre como vêm os papéis masculinos e femininos na sociedade. E também sobre os aspectos concretos a potenciar e a corrigir entre eles, para que o seu comportamento como equipa de chefes possa ser coerente com os critérios educativos do Movimento.

Convém igualmente ter uma informação conjunta de como tratar os temas referentes à sexualidade, de acordo com as idades dos jovens da sua Unidade. Assim podem aproveitar-se todas as ocasiões que se oferecerem, frequentemente de forma imprevista, e sem se produzirem contradições a nível de Chefia ou não se saber como agir perante uma pergunta ou um problema apresentados por determinado jovem ou criança.

Os Dirigentes que entre si tenham uma relação de namoro, de noivado ou mesmo de casados têm de pensar que o seu exemplo pode enriquecer bastante a ideia de casal que podem ter os rapazes e as raparigas. A sua relação será observada e tomada como ponto de referência.

Especialmente na idade de Lobitos, estes têm uma grande curiosidade em saber o que faz o casal.

Num casal, quer seja de noivos ou de casados, há uma necessidade de intimidade. Mas, nas saídas e nos acampamentos, a atenção dos Dirigentes tem que ser para jovens. E estes vêm com maus olhos e desgosta-os que um casal de Dirigentes esteja continuamente dependente um do outro, com prejuízo do tempo que devem dedicar à Unidade. (Esta opinião foi recolhida, por várias vezes, junto de crianças e jovens, ao regressarem de um acampamento).

RELAÇÃO DA EQUIPA DE CHEFIA COM OS PAIS

Esta relação é imprescindível na 1ª Secção (Lobitos). Para os rapazes e raparigas desta idade os pais são o ponto de apoio mais importante e as suas opiniões e decisões têm um peso decisivo embora por vezes não pareça. Se os pais estão informados do que se pretende com a coeducação e de que maneira a vamos em prática, o mais provável é que eles também nos ajudem, pondo em prática na família, algumas das sugestões feitas nas nossas conversas informais. Deste modo pode criar-se um estado de opinião entre os pais dos Escuteiros do grupo e, conseqüentemente, na sociedade

de adultos. E se o grupo funciona bem, isto é, se as palavras concordam com os factos, pode isto vir a ter um peso importante na vida do bairro ou da paróquia.

ANEXO F

AVALIAÇÃO INDIVIDUAL

- És capaz de descrever algumas das razões sociais que levaram o Movimento a optar pela coeducação?

- Quais os objectivos que o Movimento pretende atingir ao optar por Unidades coeducativas?

- Que aspectos, quer na organização, quer na Formação, é necessário ter em conta nos grupos que iniciam a coeducação e naqueles que já a realizam?

5.2 - NÍVEL DE APROFUNDAMENTO: A COEDUCAÇÃO NAS SECÇÕES

- INTRODUÇÃO
 - OBJECTIVOS EDUCATIVOS DO ATELIER
 - PARTICIPANTES
 - TEMPO
 - MATERIAL
 - METODOLOGIA
- Primeira Parte
Segunda Parte
Terceira Parte
Conclusão
ANEXO A : Questionário
ANEXO B : Dinamismo básico do método
ANEXO C : Avaliação

● INTRODUÇÃO

Todos sabemos que coeducar não é simplesmente fazer que rapazes e raparigas estejam juntos nas Unidades. É muito mais que isso. E, de facto, não é fácil. Encontramos muitos condicionalismos que nos são adversos.

Nós mesmos, muitas vezes, não somos os melhores modelos de corresponsabilidade neste aspecto. A influência social, algumas influências familiares, os meios de comunicação, a publicidade, etc, dificultam as influências positivas.

Partimos já, neste nível de aprofundamento, de opções claras acerca da educação entre rapazes e raparigas. Recordaremos somente e em forma quase telegráfica quais são as principais finalidades da coeducação no nosso Movimento.

● OBJECTIVOS GERAIS

Entendemos por coeducação a educação entre rapazes e raparigas, com um projecto de crescimento comum: tornarem-se pessoas com igualdade de direitos e deveres, respeitando as particularidades próprias de cada individualidade e cooperando para conseguir um estilo de vida feito de confiança, respeito, compreensão recíprocas.

Os objectivos educativos a atingir para se conseguirem estes objectivos globais são os seguintes:

1. Proporcionar aos jovens o máximo conhecimento cultural e técnico para poderem escolher as suas actividades em função das suas preferências pessoais e não influenciados pela social baseada na discriminação sexual.
2. Fomentar a responsabilidade conjunta a todos os níveis para a enriquecer com a relação dinâmica do trabalho em equipa e de tal maneira que consiga alcançar uma igualdade de possibilidades entre as pessoas sem qualquer relação de chefia ou de subordinação em função do sexo.
3. Aceitação da própria realidade sexual e conhecimento da realidade do outro sexo.
4. Atingir uma ética sexual que fomente a maturidade pessoal e liberte de alienações e tabus que ainda existem sobre a sexualidade.

Tendo presente estes objectivos gerais e educativos, vamos propor um atelier de coeducação dedicado a analisar em cada etapa educativa ou Secção quais são as necessidades educativas e quais são os aspectos que se devem ter em conta ao desenvolver as

actividades escutistas para favorecerem o processo educativo na relação rapaz-rapariga. O Atelier é apresentado em conjunto, com material para cada Secção, mas deve ser realizado em separado por Secção.

● OBJECTIVOS EDUCATIVOS DO ATELIER

- Os participantes, no fim do Atelier, saberão descrever quais os aspectos do método escutista que deverão ter presentes ao realizar as actividades com a sua Unidade coeducativa.
- Quais são os aspectos comuns e diferenciais que caracterizam os rapazes e raparigas da sua Secção.
- Quais os objectivos gerais do Movimento em relação à coeducação.
- Quais as normas que devem ter-se em conta nas Unidades coeducativas do Movimento.

● NUMERO DE PARTICIPANTES

25 a 30 por Secção, com prática na Secção.

● TEMPO

TOTAL: Entre 8 ou 9 horas por Secção, contando três intervalos de meia hora cada.

● MATERIAL

- Cartazes com os objectivos gerais e os objectivos educativos escritos em letras grandes e visíveis por todos os participantes, e que se colocarão à vista de todos no final do Atelier.
- Folhas de cartolina de cores diversas de 40 x 10 cm.
- Marcadores.
- Fita-cola ou outro material para colar as cartolinas à parede ou ao mural.
- Mural com a palavra **coeducação** na parte superior e espaço para colar as cartolinas dos participantes.
- *“O Processo Coeducativo nas Quatro Secções”* deste mesmo livro. Para cada Secção a parte correspondente dos quatro capítulos: biológico, psicológico, social e ético-religioso. Um exemplar (ou fotocópias) para cada participante. Pode substituir-se este material indicando-se previamente que tragam o livro.
- Cartolinas para recortar papeis de cor de diversos tipos. Cordéis, lãs, fios, retalhos de tela, pedaços de madeira, cartão.
- Material audio-visual, projector de diapositivos, fotos,

- diapositivos de acampamentos, caixilhos para diapositivos.
- Retroprojector de transparências, papel transparente e respectivas canetas.
 - Cartazes com os dinamismos básicos do método escutista segundo o **Anexo B**.
 - Uma cópia dos dinamismos básicos por representante (**Anexo B**).
 - Folha de avaliação para cada participante (**Anexo C**).

● METODOLOGIA

PRIMEIRA PARTE

Para iniciar este Atelier pode fazer-se referência à introdução e, seguidamente, pedir a cada participante que escreva numas tiras de cartolina, que estão sobre a mesa, a palavra **COEDUCAÇÃO**. Seguidamente cada um vai colá-la no mural colocado para o efeito onde ficará até ao final do Atelier.

Em seguida distribui pelos participantes a parte correspondente à Secção em que trabalham de “O Processo Coeducativo nas Quatro Secções”, aspectos biológicos, psicológico, social e ético-religioso.

Dividir os grupos de trabalho entre quatro a seis pessoas (todas da mesma Secção, naturalmente) dando-lhes as seguintes instruções:

- Planear uma:

Caçada (Lobitos)

Aventura (Exploradores)

Empreendimento (Pioneiros)

Caminhada (Caminheiros)

donde se pretenda, como objectivo, avançar em algum aspecto referente à coeducação (ver objectivos educativos e centrar em algum ou alguns deles).

- Devem ter-se em conta:

a) A forma como a Secção está organizada (real ou imaginária):

- . Número de rapazes e raparigas - e suas idades -
- . Equipas: Bandos, Patrulhas...
- . Quem são os Guias
- . Equipa de Animação: - idade, sexo, formação -.

b) Instituições que funcionam dentro da Unidade (se há reuniões periódicas com Guias, Conselho de Guias, Rocha de Conselho, Conselhos de Honra, etc., Conselhos, Reuniões, Saídas periódicas...).

c) Uma vez escolhido o Projecto, que passos se dariam

conjuntamente com a Unidade até ao realizar e avaliar.

e) Como Equipa de Animação, que questões valorizariam no desenrolar da actividade.

f) Em que momento se procurou mais favorecer ou enriquecer a coeducação?

Para desenvolver este projecto é necessário ter à mão muito material que se torna indispensável. Deixa-se essa escolha à consideração do grupo. Porém sugerimos algumas ideias:

- Painel explicativo de todos os passos.
- Mural representando todo o processo.
- Diapositivos feitos á mão ou aproveitando foto-diapositivos.
- Projecção de transparências.
- Combinação de um papel explicativo com uma representação de sequências.

Este primeiro bloco temático necessita de umas **três horas**.

SEGUNDA PARTE

Distribuem-se tantos Questionários (**Anexo A**) por pessoa quantas as Equipas. Nestes questionários cada pessoa anotarà os dados fornecidos por cada equipa.

Cada Equipa, à vez, apresentará o seu trabalho. Esta identificar-se-à com um nome.

Depois da apresentação do trabalho de cada Equipa ou no fim de todas apresentações, cada pessoa fará as perguntas que quiser para aclarar ou completar o seu Questionário.

O responsável do Atelier deve preocupar-se principalmente com os aspectos mais qualitativos, isto é, de salientar as razões sob o ponto de vista coeducativo de igualdade do número de rapazes e raparigas, repartição de responsabilidades, actividades mais próprias, tradicionalmente, deste ou daquele sexo, repartindo-as, por igual, entre rapazes e raparigas.

Para a composição da Unidade e da Equipa de Animação devem ter-se presentes as normas para a formação das Unidades coeducativas, como mostra este livro no Capítulo 2.

Uma vez apresentados todos os trabalhos das Equipas, se o responsável do Atelier assim o julgar conveniente, pode-se utilizar

Esta segunda parte poderá durar **uma duas ou duas horas e meia**, dependendo da riqueza das ideias apresentadas.

TERCEIRA PARTE

O responsável pelo Atelier apresenta, por meio de tiras de cartolina que cola na parede, os cinco dinamismos do método escutista, indicando como cada um deles, desde que bem utilizado, contribui para melhorar a coeducação na Unidade (**Anexo B**).

Depois das necessárias explicações e de estabelecer a relação entre a teoria dos dinamismos e os trabalhos apresentados, para tornar o atelier mais participativo, passa-se ao último ponto.

Colocam-se os cartões que previamente se prepararam sobre os objectivos educativos na coeducação e relacionam-se com as frases que foram escritas no início do atelier, no sentido de completar ou rectificar, se houver alguma ideia que não esteja correcta.

A **conclusão** seria que, para realizar um trabalho coeducativo como Chefes de Unidade devemos conhecer os objectivos propostos pelo Movimento, as características dos rapazes e raparigas que temos connosco e saber usar as ferramentas que o Escutismo põe à nossa disposição: o método e a animação própria de cada Secção.

Sem esquecermos que somos Equipa de Animação da Unidade somos também o modelo das relações entre homem e mulher que os rapazes e raparigas vivem mais de perto, depois da família.

Esta terceira parte pode durar **umas duas horas**.

QUESTIONÁRIO

TRABALHO DE EQUIPA.....

1. Composição dos:

	RAPAZES	RAPARIGAS
Bandos / Lobitos		
Patrulhas / Exploradores		
Equipas / Pioneiros		
Equipas / Caminheiros		
Total do Agrupamento		

2. Quem são os Guias de:

	RAPAZES	RAPARIGAS
Bando		
Patrulha		
Equipas		
Equipas de Caminheiros		

3. Que "instituições" funcionam nas Unidades:

ALCATEIA	<input type="checkbox"/> CONSELHO DE ALCATEIA	<input type="checkbox"/> CONSELHO DE GUIAS	<input type="checkbox"/> ROCHA DO CONSELHO
GRUPO DE EXPLORADORES	<input type="checkbox"/> CONSELHO DE GRUPO	<input type="checkbox"/> CONSELHO DE GUIAS	<input type="checkbox"/> CONSELHO DE AVENTURA
GRUPO DE PIONEIROS	<input type="checkbox"/> CONSELHO DE GRUPO	<input type="checkbox"/> CONSELHO DE GUIAS	<input type="checkbox"/> CONSELHO DE EMPREENHIMENTO
CLÁ DE CAMINHEIROS	<input type="checkbox"/> CONSELHO DE CLÁ	<input type="checkbox"/> CONSELHO DE CHEFES EQUIPA	

4. Tem sido seguidas as etapas da Metodologia do Projecto?

- ESCOLHA _____
- PREPARAÇÃO _____
- REALIZAÇÃO _____
- AVALIAÇÃO _____

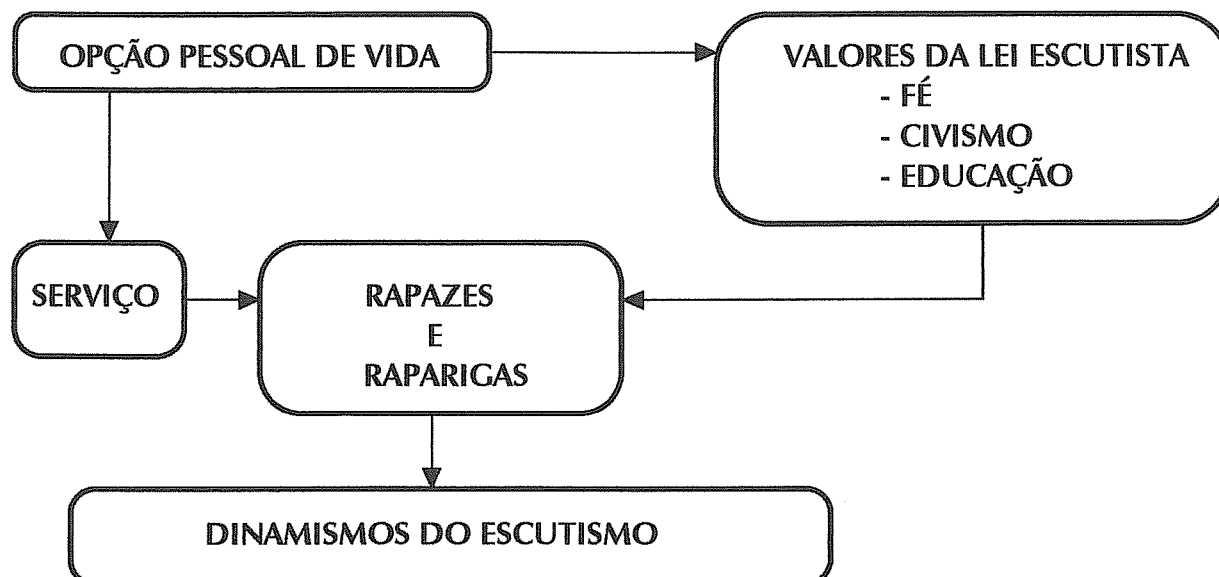
5. A Equipa de Animação "projecta" a parte educativa?

- objectivos gerais propostos _____
- objectivos específicos específicos _____
- objectivos operativos propostos _____
- acções concretas _____
- avaliação dos resultados a nível de cada rapaz ou rapariga _____

6. Classifica de 1 (menos) a 10 (mais) a relação positiva entre o trabalho apresentado e os objectivos coeducativos do C.N.E. _____

7. Composição da Equipa de Chefia:

Mulheres	1) _____ 2) _____ 3) _____	Idade	_____	Formação	_____
Homens	1) _____ 2) _____ 3) _____	Idade	_____	Formação	_____
TOTAL	_____		_____		_____



- 1. VIDA EM PEQUENO GRUPO Bando, Patrulha, Equipa
- 2. PROGRESSO PESSOAL Técnico e humano ao serviço dos outros
- 3. COMPROMISSO Valores e Lei concretizados na Promessa

4. EDUCAÇÃO ACTIVA
Jogo Institucional

	LEGISLATIVO	EXECUTIVO	JUDICIAL
LOBITOS	Conselho de Alcateia	Conselho de Guias	Rocha do Conselho
EXPLORADORES	Conselho de Grupo	Conselho de Guias	Conselho de Guias (de Honra)
PIONEIROS	Conselho de Grupo	Conselho de Guias	Conselho de Guias (de Honra)
CAMINHEIROS	Conselho de Clã	Conselho de Chefes de Equipa	Conselho de Chefes de Equipa (de Honra)

Pedagogia do Projecto (CAÇADA, AVENTURA, EMPREENDIMENTO, CAMINHADA)
ESCOLHER → PLANIFICAR → REALIZAR → AVALIAR...

- 5. FRATERNIDADE UNIVERSAL Descoberta, Solidariedade, Serviço

ORIENTAÇÕES PARA RELACIONAR OS DINAMISMOS BÁSICOS DO MÉTODO COM A COEDUCAÇÃO

1. A VIDA NO PEQUENO GRUPO

É importante que no pequeno grupo (Patrulha/Equipa) haja rapazes e raparigas, de idades distintas e numa proporção de 40 a 60% de cada sexo, de modo que tanto um rapaz como uma rapariga possa ser o responsável. Assim aprendem que igualmente podem ser responsáveis rapazes ou raparigas, dependendo mais da pessoa que do sexo.

2. PROGRESSO PESSOAL

Nos Lobitos o progresso baseia-se na aquisição de hábitos de conduta adequados à sua idade: saber cuidar das suas coisas, realizar pequenas técnicas e serviços, organizar jogos e actividades divertidas. Em todas estas coisas procurar que as realizem igualmente rapazes e raparigas, sem dar ênfase a grupos por sexos mas considerar cada um inteiramente pela sua personalidade, procurando que colaborem em grupos heterossexuais.

Na idade dos Exploradores o progresso passa pela aprendizagem de técnicas; aqui sim é necessário muito cuidado por parte dos responsáveis para conseguir que não se molestem ou não adotem o esquema social que impõe tarefas distintas para cada sexo.

Se as actividades são muito animadas, a motivação para viver a aventura consegue uma união positiva entre rapazes e raparigas, colaborando todos por igual.

Os Pioneiros estão já mais dependentes da relação afectiva que do Empreendimento a realizar. Porém é normal que os responsáveis da Unidade devam fomentar um clima de confiança onde se possa falar de sentimentos e vivências de cada um para se ir mais longe e poder realizar as actividades projectadas, empregando as técnicas apreendidas na Secção anterior. Os pares de namoricos, se não se auto-excluem das actividades do grupo, também não devem ser preocupação em excesso, embora convenha uma educação sobre a sexualidade.

3. COMPROMISSO

É o momento em que cada pessoa é ela mesma que decide. É uma afirmação do eu. Ao comprometer-se deve evidenciar-se, mais que dizer-se palavras, que tanto um rapaz como uma rapariga pode contrariar os mesmos compromissos, dependendo mais da sua personalidade e preferência que do seu sexo.

4. EDUCAÇÃO ACTIVA

Já citámos várias vezes a importância que tem que rapazes e raparigas tenham nas instituições o mesmo papel de responsabilidade, alternando entre eles.

Ao apresentar e escolher actividades tem que se estar atento para que um dos sexos domine a situação mais do que os distintos pequenos grupos heterossexuais. Esta é uma razão para preferir as Unidades heterossexuais às unissexuais.

Não se deve nunca referir de forma perjorativa a uma pessoa que é rapaz ou rapariga.

5. FRATERNIDADE UNIVERSAL

Este mecanismo, ao ser vivido mais pela Unidade que individualmente, não tem grande incidência na coeducação... ou talvez o não tenhamos descoberto suficientemente.

ANEXO C

AVALIAÇÃO DOS CONTEÚDOS DO ATELIER

1. Enumera algumas características comuns entre rapazes e raparigas da tua Secção atendendo aos seguintes aspectos:

Biológico.....

Psicológico.....

Sociológico.....

Ético-religioso.....

2) Enumera características comuns que influenciam o aspecto coeducativo entre rapazes e raparigas da tua Secção:

Biológicos.....

Psicológicos.....

Sociológicos.....

Ético-religiosos.....

3) Que dinamismos do Método Escutista consideras básicos, a ter em conta na coeducação e porquê?

.....
.....
.....

4) Como definirias o aspecto mais importante a atingir na tua Secção referente à coeducação?

.....
.....
.....

5) No que diz respeito às normas sobre Unidades coeducativas, enumera as que te parecem mais determinantes para se poder realizar uma boa coeducação:

.....
.....
.....

6) Dos objectivos educativos que se propõe o Movimento, quais te parecem os mais interessantes, pensando no teu ambiente concreto, no momento actual e em relação ao futuro?

.....
.....
.....
.....

6 | Bibliografía

1. «Documento sobre coeducación y escultismo». Scouts de Cantabria MSC (1980).
2. «Coeducación». Minyons Escolts y Guies Sant Jordi. Cataluña.
3. «Reflections sùr la coéducation». Agesci. Associazione Guide e Scouts Cattolici Italiani.
4. «Apuntes para una reflexión sobre la rama Trebeak». Euskalherriko Eskautak Bizcaia.
5. «Apuntes sobre la colaboración educativa entre los metodos Scout y Guía». Scouts de Chile.
6. «Qu'est ce que c'est la coéducation? Le louvetisme et la coéducation». Scouts de France.
7. «A coeducação em debate». Colecção Mesa Redonda. Editorial Telos.
8. «El nino de 9 a 10 anos. El niño de 11-12 años». Gesell. Editorial Paidos, 1982.
9. «Coeducação - sim ou não -». Corpo Nacional de Escutas (1978). Edições Flor de Lis.
10. «Coeducación». Jesus Puente. Antonio Aradillas. Editorial Studium, 1970.
11. «La coeducación como estilo de formación». Pedro Chico. Ediciones C.V. La Salle. Valladolid, 1983. 208 pp.